



**UFRPE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**PAULA PATRÍCIA SILVA DE MORAIS**

**FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE**

**RECIFE**

**2019**

**PAULA PATRÍCIA SILVA DE MORAIS**

**FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de Licenciada em Pedagogia, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hulda Helena Coraciara Stadtler.

**RECIFE**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- M827f      Morais, Paula Patrícia Silva de  
              Formação pedagógica e conhecimento sobre sexualidade / Paula Patrícia Silva de Morais. - 2019.  
              55 f. : il.
- Orientadora: Hulda Helena Coraciara Stadtler.  
              Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
              Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2019.
1. Formação pedagógica. 2. Sexualidade. 3. Escola. I. Stadtler, Hulda Helena Coraciara, orient. II. Título

CDD 370

---

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**PAULA PATRÍCIA SILVA DE MORAIS**

### **FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE**

Data da Defesa: 21 de Novembro de 2019.

Horário: 16 horas.

Local: Sala 6 do Bloco B – Departamento de Educação - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hulda Helena Coraciara Stadtler.

Orientadora.

Prof.<sup>o</sup> Dr. Aristeu Portela Júnior.

Examinador Interno.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Grazia Cribari Cardoso.

Examinadora Externa

Resultado: ( x ) Aprovada

( ) Reprovada

Aos profissionais da educação que lutam por uma educação cidadã, uma  
educação que valorize a diversidade.

Aos grupos sociais marginalizados socialmente.

Às vítimas de violência sexual, de gênero e lgbtphobia.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, meus pais Reginaldo e Íris, e meus irmãos, Paloma e Pedro, pelos ensinamentos, incentivo, carinho, por acreditarem em mim e por sempre estarem comigo, mesmo distantes fisicamente.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Hulda Stadtler, pela maravilhosa orientação, por todo aprendizado, companheirismo, paciência, incentivo e pelas incontáveis e preciosas contribuições para a construção deste trabalho.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aparecida Tenório pelas preciosas sugestões.

À Alynne Lima pela força, companheirismo e cuidado.

Às amigas e amigos do curso de Licenciatura em Pedagogia, por terem feito da minha passagem pela Rural a melhor de todas.

À coordenação, professores e professoras do curso e colegas de turma, os quais tive o prazer de conviver durante esses 4 anos e aprender cada um.

Às professoras entrevistadas que me receberam com muita generosidade em sua sala de aula para a realização dessa pesquisa.

E à todas e todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a construção deste trabalho.

Minha eterna gratidão!

“Um outro modo de compreender as identidades sexuais e de gênero implica mudanças extremamente significativas. Não é tarefa fácil e trivial. Trata-se de assumir que todos os sujeitos são construídos socialmente, que a diferença (seja ela qual for) é uma construção feita — sempre — a partir de um dado lugar que se toma como norma ou como centro. É preciso, pois, pôr a norma em questão, discutir o centro, duvidar do natural... Mas, não há como negar que a disposição de questionar nosso próprio comportamento e nossas próprias convicções é sempre muito mobilizadora: para que resulte em alguma transformação, tal disposição precisará ser acompanhada da decisão de buscar informações, de discutir e trocar ideias, de ouvir aqueles e aquelas que, histórica e socialmente, foram instituídos como ‘outros’.”

(Guacira Lopes Louro).

## RESUMO

A sexualidade é ainda objeto de repressões, tabus e preconceitos, sendo considerado um assunto complexo e de difícil entendimento. Mas é condição de reprodução e existência humana e demarca grande parte da identidade do sujeito. Desta forma, é de suma importância que em lugares de formação dos sujeitos, como a escola, essa temática seja suficientemente compreendida pelos/as profissionais que nela atuam. Porém, diante da pouca abordagem na formação sobre questão tão fundamental para o preparo dos/as professores, o presente trabalho objetivou compreender como os/as docentes percebem ou justificam essa fragilidade para seu desempenho no ambiente escolar e a criação de estratégias para enfrentá-la. Para isso, optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa. Sigmund Freud, Guacira Lopes Louro e Tomaz Tadeu da Silva são alguns dos teóricos fundamentais para a discussão acerca dos aspectos psicossociais sobre a sexualidade. O processo investigativo desenvolveu-se a partir de entrevistas semiestruturadas. E, diante dos dados coletados, foram realizadas algumas reflexões acerca da formação pedagógica e o entendimento sobre sexualidade, identificando e analisando as reais condições que profissionais da educação encontram acerca do trato da temática na escola fundamental. Os resultados apontam para a necessidade de uma abordagem mais ampla e significativa a respeito da sexualidade nos cursos de formação docente. Pois, a sexualidade está na escola, campo de atuação desse profissional e a ausência de disciplinas que discutam essa temática na matriz curricular desses cursos, foi identificada pelas entrevistadas como um obstáculo a mais no ambiente escolar, ocasionando a redução da capacidade destas profissionais para orientar.

**Palavras-Chave:** Formação pedagógica. Sexualidade. Escola.



## ABSTRACT

Sexuality is yet considered a complex and difficult to grasp topic, frequently being the target of repressions, taboos and prejudices. However it is a condition of human reproduction and existence and marks off much of the identity of an individual. Thus, it is of utmost importance that in the education environment of the individuals, such as schools, this topic is sufficiently understood by the professionals who work in it. Nonetheless, due to the lack of approach on the development of such a crucial issue for the qualification of teachers, the present study aimed to understand how teachers perceive or justify this weakness for their performance in the school environment and the creation of strategies to face them. In order to do that, a qualitative research was chosen. Sigmund Freud, Guacira Lopes Louro and Tomaz Tadeu da Silva are some of the fundamental theorists for the discussion regarding psychosocial aspects of sexuality. The investigative process developed from semi-structured interviews. Moreover, considering the collected data, some reflections were made about the pedagogical formation and the understanding about sexuality, identifying and analyzing the real conditions that education professionals find regarding dealing with the topic in the elementary school. The results point to the need for a broader and more meaningful approach to sexuality in teachers education courses. As sexuality is in the school, the work environment of this professional and the absence of disciplines that discuss this topic in the educational program of these courses was identified by the interviewers as a further obstacle in the school environment, causing the reduction of these professionals' ability to lecture.

**Keywords:** Pedagogical training. Sexuality. School.

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 01</b> – Categorização das docentes entrevistadas.....	27
<b>QUADRO 02</b> – Categorização das respostas da entrevista.....	47

## **LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS**

FAFIRE – Faculdade Paula Frassinetti.

FASC – Faculdade Santa Catarina.

MESP – Movimento Escola Sem Partido.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

PNE – Plano Nacional de Educação.

RPA – Região Político Administrativa.

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco.

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco.

UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira.

UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS PSICOSSOCIAIS SOBRE A SEXUALIDADE</b> ....	15
<b>CAPÍTULO II: ABORDAGEM METODOLÓGICA</b> .....	24
1. NATUREZA, MEIOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	24
2. UNIVERSO PESQUISADO.....	25
3. SUJEITOS PESQUISADOS.....	26
4. ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE.....	28
<b>CAPÍTULO III: FORMAÇÕES PROFISSIONAIS E EXPERIÊNCIAS COM SEXUALIDADE: DISCUSSÃO E RESULTADOS</b> .....	29
1. FORMAÇÃO DOCENTE.....	29
2. DIFICULDADES ENCONTRADAS NO COTIDIANO ESCOLAR.....	31
3. ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELAS DOCENTES PARA LIDAR COM AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE DOS SEUS ALUNOS.....	34
4. FORMAÇÃO DOCENTE E ABORDAGEM SOBRE A SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR.....	36
<b>CONCLUSÃO</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA APLICADO AOS/AS PEDAGOGOS/AS</b> .....	45
<b>APÊNDICE B – QUADRO 02: CATEGORIZAÇÃO DAS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS</b> .....	47
<b>ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO</b> .....	55

## INTRODUÇÃO

A sexualidade é considerada ainda um assunto complexo e de difícil entendimento, por isso, continua sendo objeto de repressões, tabus e preconceitos. Mas, por ser condição de reprodução e existência humana, demarca grande parte da identidade do sujeito. Torna-se, assim, importante que, em lugares de formação dos sujeitos, como a escola, essa temática seja suficientemente compreendida pelos/as profissionais que nela atuam. Porém, precisamos nos inquirir: **o conhecimento acerca da sexualidade se faz presente na formação pedagógica?**

O interesse por esse tema surgiu durante as aulas da disciplina “Discurso e Prática Pedagógica” no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Para o trabalho em curso, uma maior e mais precisa abordagem dessa temática, dentro da formação pedagógica faz-se necessária, desde que a sexualidade está presente durante toda a vida do ser humano (FREUD, 2016 [1901-1905]).

A escola é um dos ambientes onde o indivíduo passa a maior parte do seu tempo antes de tornar-se adulto. Assim, professores têm a incumbência tanto de instruir seus/suas alunos/as no convívio social quanto trabalhar os conteúdos curriculares, para tanto precisam lidar com as fases do desenvolvimento e suas determinações biopsicossociais.

Em diversos campos da sociedade, onde se inclui a escola, papéis sociais são desempenhados para construir a subjetividade dos indivíduos a fim de fortalecer as divisões sociais e legitimar a hegemonia de alguns grupos em detrimento de outros.

Desde a infância, o sujeito se depara com discursos diversos para justificar a naturalização das diferenças entre a condição (binária e heteronormativa) de *masculino* e *feminino* através de comportamentos, atitudes, atividades, possibilidades, gostos, permissividades, valores etc. Contudo, quando os/as professores/as possuem um maior entendimento acerca da sexualidade, podem proporcionar maior equilíbrio entre os/as estudantes além da eliminação de práticas de preconceito no cotidiano escolar e, conseqüentemente no meio social mais amplo. O desenvolvimento de senso crítico entre crianças e jovens, além de um ambiente de aceitação de si próprio, gera um sentimento de segurança para expor

seus conflitos, medos, ansiedades e angústias em relação à própria sexualidade, ainda ajudando na prevenção e combate às doenças sexualmente transmissíveis, à gravidez indesejada e à violência sexual e de gênero. Fatos que exigem a abordagem da sexualidade de forma mais profunda na formação docente. Por esta razão, essa pesquisa busca problematizar a ausência na formação pedagógica sobre sexualidade no meio escolar, com o intuito de identificar e analisar as condições reais que profissionais da educação encontram acerca do trato da temática na escola fundamental.

Esta pesquisa justifica-se pela notória necessidade de uma abordagem mais ampla e significativa a respeito da sexualidade infanto-juvenil nos cursos de formação docente, em especial nos de Licenciatura em Pedagogia, os quais, em sua maioria, a maior parte de sua grade curricular está voltada para o desenvolvimento cognitivo, enquanto as questões sobre sexualidade e afeto, tão importantes para o desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, não são abordadas ou são de forma superficial. Visto que, a ausência de disciplinas e atividades a respeito do tema nos cursos de licenciatura podem se transformar em um obstáculo a mais para a competência e domínio de classe do/a futuro/a docente no ambiente escolar, reduzindo a capacidade deste/a profissional para orientar. A relação entre *sexualidade* e bom desenvolvimento psíquico está bem demonstrada no trabalho freudiano “*Três Ensaios sobre a Sexualidade Infantil*” (FREUD, 2016 [1901-1905]).

Diante da pouca abordagem na formação sobre questão tão fundamental para o preparo dos/as professores/as, o objetivo geral dessa pesquisa é **compreender como os/as docentes percebem ou justificam a fragilidade em relação ao entendimento sobre sexualidade para seu desempenho no ambiente escolar e a criação de estratégias para enfrentá-la**. Conhecemos que muitos dos cursos de formação docente não preparam os/as docentes, nem mesmo com leituras sistemáticas, para uma abordagem segura acerca da sexualidade no meio escolar. Mesmo que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1997, p. 292), em seu caderno sobre “*orientação sexual*” reafirmem a importância do entendimento sobre o tema, ao dizer, por exemplo, que a sexualidade ‘*invade*’ a escola por meio das atitudes dos/as estudantes em sala de aula e na convivência social entre eles/as” e que por mais que a escola tente, é impossível que os “alunos deixem sua sexualidade fora dela”, ainda assim há despreparo.

Para que o objetivo geral seja atingido utilizaremos, como guias de abordagem, os seguintes objetivos específicos:

- Comparar entre grupos de docentes de escola pública e privada, exemplos de dificuldades encontradas no cotidiano escolar quanto a sexualidade;
- Levantar os conteúdos (textos, componentes curriculares, experiências extracurriculares, formação continuada etc.) voltados à sexualidade presentes ou buscadas para suas formações;
- Analisar as estratégias utilizadas pelos profissionais para lidar com as manifestações da sexualidade por seus alunos;
- Problematizar a formação docente para a abordagem sobre a sexualidade no ambiente escolar.

Compreendendo a importância e o lugar que a sexualidade tem exercido na sociedade contemporânea e nas lutas enfrentadas pelos direitos humanos, o presente trabalho estará voltado para o papel da educação e a formação de professores para seu enfrentamento cotidiano. Pois, os conteúdos curriculares legitimam as relações de poder vigentes na sociedade, seguindo, ainda, um padrão biodeterminado e muitas vezes não contemplando a diversidade de arranjos familiares e sociais, a pluralidade de atividades exercidas pelos sujeitos, as possibilidades de gêneros, os grupos étnicos, as classes sociais. E, quando se trata de sexualidade, a diversidade torna-se mais comprometida por tratar tudo que diverge dos padrões heteronormativos nos campos da orientação sexual, identidade de gênero e sexo biológico como “anormal”, resultando em quadros de homofobia, misoginia, sexismo e outros tipos de preconceito e discriminações.

Portanto, é fundamental que na formação pedagógica contenha uma abordagem mais ampla e mais crítica sobre a sexualidade infanto-juvenil. Para que esses futuros profissionais tenham em mente que vivemos em um mundo repleto de diversidade, e que não podem compactuar com a ideia de que as diferenças sejam convertidas em desigualdades. Dessa forma, como já mencionado, precisamos nos inquirir o quanto a fragilidade da formação docente prejudica o exercício profissional, desde que a sexualidade é questão presente no cotidiano escolar. Ainda mais que desde 2011 observa-se o avanço conservador no Congresso Nacional e sua tentativa de bloquear discussões em torno da sexualidade e das identidades de gênero na escola. Como ficou evidente, por exemplo, nas discussões do Plano Nacional de Educação (PNE) em 2014.

## CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS PSICOSSOCIAIS SOBRE A SEXUALIDADE.

Sigmund Freud foi um dos pioneiros a analisar o desenvolvimento da sexualidade e sua relação com a vida adulta saudável. Em seus “*Três Ensaios sobre a Sexualidade*”, escritos a partir de suas experiências clínicas cotidianas, entre os séculos XIX e XX, enfatiza a presença da sexualidade em “todas as realizações humanas” e ampliando a ação da sexualidade no desenvolvimento humano desde o nascimento até a morte do indivíduo. Essa afirmação deixou a sociedade daquela época impactada, pois para ela, “a natureza e as características desse instinto sexual” surgiria apenas na puberdade, com o objetivo da união sexual para procriação e a descrença na existência da sexualidade infantil, porque julgavam as crianças como seres “inocentes”. (FREUD, 2016 [1901-1905]).

Isso não é um erro qualquer, mas de grandes consequências, pois principalmente a ele devemos nosso atual desconhecimento das condições fundamentais da vida sexual. Um estudo aprofundado das manifestações sexuais infantis provavelmente revelaria os traços essenciais do instinto sexual, mostraria seu desenvolvimento e nos faria ver sua composição a partir de várias fontes. (FREUD, 2016 [1901-1905], p. 73).

De acordo com Freud (2006 [1901-1905]), a *libido*, “a energia” dos instintos sexuais, está presente desde o nascimento, mas, durante a vida, ela possui direcionamentos diferentes, que são, em primórdios expressas pela estimulação de “*zonas erógenas*”. Partindo dessa compreensão, classificou em fases o desenvolvimento sexual: Fase oral, cuja zona erógena é a boca, onde a *libido* está concentrada, parte corporal que a criança utiliza para conhecer o mundo, e sentir prazer e satisfação; Fase anal, que ocorre após o desmame, onde a *libido* é direcionada para a região anal, e por essa zona erógena vivencia sua introdução nas relações sociais mais amplas; Fase fálica, momento de descoberta dos órgãos genitais, havendo a transferência da *libido*, para esta zona erógena e busca de satisfação em sua manipulação. Um intervalo ocorre após esta fase, surge o Período de latência, onde a *libido* está canalizada (*sublimada*), para questões referentes ao desenvolvimento cognitivo e social. Finalmente, mas não finalizadamente, surge a Fase Genital, onde a *libido* é direcionada para os genitais e suas pulsões, tornando-se a zona erógena prioritária.



Estando a sexualidade, conforme a teoria freudiana, envolvida com variados aspectos do desenvolvimento humano, estudo acerca do surgimento de neuroses, revelou que essas relacionam-se com pensamentos e desejos reprimidos tem relação direta com os conflitos existentes no próprio desenvolvimento. Experiências traumáticas, reprimidas, que ocorrem durante a infância influenciam fortemente na formação da personalidade. (FREUD, 2016 [1901-1905]).

Segundo Louro (2009) o sexo e as curiosidades a seu respeito sempre estiveram presentes durante toda a história da humanidade, sendo considerado algo “natural”, um instrumento da natureza para a reprodução humana. Mas, a sexualidade vai muito além, pois envolve processos culturais, como rituais, linguagens, representações e simbologias. Entre os maiores conflitos socioculturais está a divergência quanto a “normalidade” de expressões sexuais diferentes das heteronormativas e genitais.

Em nossa sociedade, ao final do século XIX, foram estabelecidas grandes diferenças entre homens e mulheres relacionadas ao corpo e suas práticas sexuais, dando origem à sexologia. Tentavam explicar, reger e classificar a sexualidade ao criar tipos sexuais e decidir o que era tido como “normal” na construção dos sujeitos. E, com o intuito de garantir à heterossexualidade o status de “normalidade” e “naturalidade”, foram e são arquitetadas, em vários âmbitos sociais (psicologia, família, igreja, mídia, escola, leis), diversas estratégias para reafirmar a regra binária de que as pessoas nascem ou como homem ou como mulher e que o sexo indica um dos possíveis gêneros: masculino ou feminino. Como em toda dinâmica de formação da identidade o sexo se destina a uma única forma “natural” de desejo, que é pelo sexo oposto ao do sujeito (LOURO, 2009).

Até o final do século citado (XIX), apenas o homem branco, heterossexual, cristão e de classe média era tido como modelo de perfeição, como referência. As mulheres eram representadas como "o segundo sexo" e os homossexuais eram tidos como “desviantes” e anomalias para a heteronormatividade, que deveriam ser investigadas e punidas para serem regeneradas. Segundo essa ideia, os sujeitos que fogem à regra, tidos como minoria, são “marginalizados” (colocados à margem) de toda a sociedade. Em contrapartida, esses mesmos sujeitos continuam sendo necessários, pois só a partir deles é que são caracterizados aqueles tidos como “normais” ou “naturais” (LOURO, 2010, p.15-16).

O processo de "fabricação" dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". (LOURO, 2014, p. 67).

Para Louro (2009, p. 90), essa relação entre sexo-gênero-sexualidade faz com que o processo de heteronormatividade, que é “a produção e a reiteração compulsória da norma heterossexual”, seja evidenciado. Sendo assim, seguindo esse pensamento, todas as pessoas teriam o dever de serem heterossexuais. Porém, mesmo esses discursos sendo propagados nas sociedades, existem também discursos revolucionários e divergentes da norma heteronormativa, produzidos por movimentos das chamadas “minorias sexuais” que têm conseguido importantes avanços nos âmbitos da justiça, mídia e educação.

A heteronormatividade só vem a ser reconhecida como um processo social, ou seja, como algo que é *fabricado, produzido, reiterado*, e somente passa a ser problematizada a partir da ação de intelectuais ligados aos estudos de sexualidade, especialmente aos estudos gays e lésbicos e à teoria *queer*. (LOURO, 2009, p. 90, grifos da autora).

Entre as muitas instâncias sociais que “exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias do governo”, Louro (2010, p. 25) destaca a escola.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 2014, p. 61).

Além disso, discurso do professor é um espaço bastante delicado quando se trata de fortalecer ou dissipar os preconceitos, de incluir ou excluir os alunos e construir ou destruir identidades para os sujeitos, pois “a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui.” (LOURO, 2014, p. 69) Mas, por mais que a temática sexualidade seja considerada tabu, principalmente na infância, a escola, por mais que tente, de forma intencional ou não, não consegue esquivar-se de sua abordagem porque a sexualidade “não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’” (LOURO, 2014, p. 85).

Nesse processo, a escola tem uma tarefa bastante importante e difícil. Ela precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado, incentivar a sexualidade "normal" e, de outro, simultaneamente, contê-la. Um homem ou uma mulher "de verdade" deverão ser, necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso. Mas, a sexualidade deverá ser adiada para mais tarde, para depois da escola, para a vida adulta. É preciso manter a "inocência" e a "pureza" das crianças (e, se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais. Aqueles e aquelas que se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo imediato de redobrada vigilância, ficam "marcados" como figuras que se desviam do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar. De algum modo são indivíduos "corrompidos" que fazem o contraponto da criança inocente e pura. (LOURO, 2010, p. 26).

Ainda, o tabu sobre sexualidade leva o senso comum da sociedade a compreender que ao se trabalhar essa temática no ambiente escolar, acaba ocasionando a erotização das crianças ou uma incitação à perda da inocência, que seria “a mantenedora dos valores e comportamentos ‘bons’ e confiáveis”, sem considerar que, pela falta de informações, muito daquilo que se é indesejado, acontece (LOURO, 2014, p. 72), como estudantes inseguros em expor seus medos e angústias, sem informação sobre a prevenção e o combate às doenças sexualmente transmissíveis, à gravidez indesejada e à violência sexual, por exemplo. “O lugar do conhecimento, mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância” (LOURO, 2010, p. 30).

Devemos pensar, então, a escola como uma instituição que normatiza comportamentos, “delimita espaços”, declara o que cada sujeito pode ou não fazer

para que obedecem aos padrões da sociedade, “ela separa e institui”, propõe um modelo a ser seguido, “produz identidades escolarizadas”. “Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos”. (LOURO, 2014, p. 65). Portanto, “é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz”. (LOURO, 2014, p. 84).

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processo de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. (LOURO, 2014, p. 68).

Sobre o currículo, Silva (2010) diz que ao se discuti-lo, “pensamos apenas em conhecimento” e esquecemos que esse conhecimento está fundamentalmente naquilo que somos e nos tornamos, a nossa identidade, nossa subjetividade, “talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade. E sobre essa questão, pois, se concentram também as teorias do currículo”. (SILVA, 2010, p.15).

Silva (2010) fala ainda que, a partir das teorias pós-estruturalistas, podemos dizer também que o currículo é “uma questão de poder e que as teorias do currículo, na medida em que buscam dizer o que o currículo deve ser, não podem deixar de estar envolvidas em questões de poder”. E é justamente essa questão de poder que faz a separação entre as “teorias críticas e pós-críticas” e as “teorias tradicionais” do currículo. Estas têm como objetivo ser “apenas isso: neutras, científicas, desinteressadas”, enquanto que aquelas defendem que “nenhuma teoria é neutra, científica ou desinteressada, mas que está, inevitavelmente, implicada em relações de poder”. (SILVA, 2010, p.15-16).

É nessas teorias “críticas e pós-críticas” que é incluída discussão acerca da sexualidade no currículo e meio escolar, mesmo que já saibamos que essa relação sempre existiu como parte do “currículo oculto”, definido por Silva (2010) como sendo um currículo “constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar

que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”. (SILVA, 2010, p.78).

Numa perspectiva mais ampla, apreende-se, através do currículo oculto, atitudes e valores próprios de outras esferas sociais, como por exemplo, aqueles ligados à nacionalidade. Mais recentemente, nas análises que consideram também as dimensões do gênero, da sexualidade ou de raça, apreende-se, no currículo oculto, como ser homem ou ser mulher, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação com uma determinada raça ou etnia. (SILVA, 2010, p.79).

Segundo Silva (2000), nos últimos anos “as questões do multiculturalismo e da diferença” foram reconhecidas, até mesmo pelas “pedagogias oficiais”, como “legítimas questões de *conhecimento*”. Porém, ele faz uma crítica a isso ao falar da “ausência de uma teoria da identidade e da diferença”, pois, esse “multiculturalismo” baseia-se em “um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença”. Para ele, “não poderemos abordar o multiculturalismo em educação simplesmente como uma questão de tolerância e respeito para com a diversidade cultural”. Pois isso nos impossibilita de ver “a identidade e a diferença como processos de produção social, como processos que envolvem relações de poder”. (SILVA, 2000, p. 73).

Em relação ao currículo e a pedagogia, Silva (2000, p. 97) salienta que “o outro cultural é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade”. E os assuntos referentes à identidade, à diferença e ao outro são problemas sociais e pedagógicos ao mesmo tempo. Sociais porque o “encontro com o outro”, com o “diferente”, é certo, visto que o mundo é “heterogêneo”, e pedagógicos e curriculares, pois os estudantes interagem com a diferença a todo momento no ambiente escolar e a “questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação” nesse meio.

Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente, é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência. O reprimido tende a voltar - reforçado e multiplicado. E o problema é que esse “outro”, numa sociedade em que a identidade torna-se, cada vez mais, difusa e descentrada, expressa-se por meio de muitas dimensões. O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente. (SILVA, 2000, p. 97).

De acordo com Silva (2000, p. 99), a estratégia mais comum adotada na rotina escolar para se trabalhar essas temáticas limita-se na apresentação de “uma visão superficial e distante das diferentes culturas”. E, para ele, o ideal seria uma “estratégia pedagógica e curricular de abordagem da identidade e da diferença que levasse em conta precisamente as contribuições da teoria cultural recente, sobretudo aquela de inspiração pós-estruturalista”, em que a identidade e a diferença fossem discutidas como sendo “questões de política”. Tonando-se fundamental que discuta e explique o processo de produção dessas questões.

Uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benevolentes declarações de boa vontade para com a diferença. Ela tem que colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las. (SILVA, 2000, p. 100).

Britzman (2010) afirma que os modos autoritários que existem na cultura escolar impossibilitam o surgimento de novas questões e não “estimulam o desenvolvimento de uma curiosidade”, a qual poderia levar, tanto professores, quanto estudantes, a “direções que poderiam se mostrar surpreendentes”. E, por esse motivo, as questões da sexualidade acabam sendo condenadas ao “espaço das respostas certas ou erradas”. (BRITZMAN, 2010, p.85-86).

Ao falar da construção de um currículo para educação sexual, Britzman (2010, p. 108) argumenta que “o currículo da sexualidade deve estar mais próximo à dinâmica da sexualidade e ao cuidado de si”. Para isso, professores e professoras

[...] devem estar dispostos a estudar a postura de suas escolas e a ver como essa postura pode impedir ou tornar possíveis diálogos com outros professores e com estudantes. As professoras precisam perguntar como seu conteúdo pedagógico afeta a curiosidade do/a estudante. Elas devem estar preparadas para serem incertas em suas explorações e ter oportunidades para explorar a extensão e os surpreendentes sintomas de sua própria ansiedade. Mas juntamente com a análise de porque a sexualidade é tão difícil de ser discutida no conteúdo escolar, deve também haver uma disposição por parte das professoras para desenvolver sua própria coragem política, numa época em que pode não ser tão popular levantar questões sobre o cambiante conhecimento da sexualidade. (BRITZMAN, 2010, p. 109).

Louro (2010) diz que é perceptível que os discursos sobre a sexualidade persistem “se modificando e se multiplicando” na medida em que são inventadas “outras respostas e resistências, novos tipos de intervenção social e política”. Hoje em dia vemos “apelos conservadores” na procura constante de novas formas de “interpelar os sujeitos (especialmente a juventude) e engajá-los ativamente na recuperação de valores e de práticas tradicionais”. Porém, ela ressalta que esses discursos não são “absolutos nem únicos” e que, em oposição a eles, “outros discursos emergem e buscam se impor; estabelecem-se controvérsias e contestações, afirmam-se, política e publicamente, identidades silenciadas e sexualmente marginalizadas”. E com essas disputas aprendemos. (LOURO, 2010, p. 32).

Entre esses “apelos conservadores”, Miguel (2016) salienta o avanço do conservadorismo na política brasileira ao falar que muitos projetos de lei têm sido divulgados desde 2014, “com o objetivo de evitar ‘doutrinação ideológica’ nas instituições de ensino”. Tais projetos reiteram as propostas do Movimento Escola Sem Partido (MESP), que ganhou notoriedade no debate público na mesma época. “O principal alvo é a reflexão crítica sobre questões de gênero, estigmatizada como ‘ideologia de gênero’; pelas propostas, qualquer questionamento aos papéis convencionais atribuídos a mulheres e homens estaria vetado”. (MIGUEL, 2016, p. 591).

O crescimento da importância do MESP no debate público ocorre quando seu projeto conflui para o de outra vertente da agenda conservadora: o combate à chamada “ideologia de gênero”. Antes, a ideia de uma “Escola Sem Partido” focava sobretudo no temor da “doutrinação marxista”, algo que estava presente desde o período da ditadura militar. O receio da discussão sobre os papéis de gênero cresceu com iniciativas para o combate à homofobia e ao sexismo nas escolas e foi encampado como bandeira prioritária pelos grupos religiosos conservadores. Ao fundi-lo à sua pauta original, o MESP transferiu a discussão para um terreno aparentemente “moral” (em contraposição a “político”) e passou a enquadrá-la nos termos de uma disputa entre escolarização e autoridade da família sobre as crianças. (MIGUEL, 2016, p. 595).

A chamada “ideologia de gênero” no Brasil, apesar de se apoiar “superficialmente na literatura feminista e *queer*”, trata-se de uma criação, uma “invenção polêmica” dos meios conservadores que visam “caracterizar e, assim,

deslegitimar um campo de estudos”. (GARBAGNOLI, 2014, p. 149, apud MIGUEL, 2016, p. 598).

Trata-se, portanto, de uma verdade fundada na fé, por mais que, nos debates públicos posteriores, muitas vezes se busque minimizar tal elemento [...]. O questionamento dos papéis sexuais põe em risco a família e, portanto, toda a sociedade, que – conforme diz a sabedoria convencional – nela repousa (Garbagnoli, 2014, p. 151). Isso se traduz facilmente, no senso comum, pela ideia de que a “confusão” de papéis masculinos e femininos é sintoma de uma “desordem” social grave, que precisa ser combatida sem trégua. (MIGUEL, 2016, p. 599).

Ainda segundo Miguel (2016), a educação é a principal preocupação dos “conservadores evangélicos”, mesmo que “a sensibilidade em relação à igualdade de gênero tenha se tornado transversal a muitas políticas governamentais”. Pois acreditam que as “crianças seriam as mais vulneráveis à ‘ideologia de gênero’, que impediria a consolidação da identidade masculina ou feminina”. No Brasil, o Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em 2014 e os planos de educação estaduais e municipais votados em 2015 foram os de maior interesse. “Evangélicos e católicos trabalharam juntos e obtiveram o banimento da temática de gênero do plano nacional e de muitos outros, estaduais e locais”. (MIGUEL, 2016, p. 599).

Os opositores das propostas de restrição da liberdade de cátedra, inspiradas na ofensiva religiosa contra a “ideologia de gênero” e no Movimento Escola Sem Partido, as denominam “leis da mordaza”. São, de fato, projetos de criminalização da docência, entendida em seu sentido mais profundo – o estímulo ao pensamento crítico e à capacidade de reflexão autônoma. Impedem que a atividade profissional dos docentes seja exercida de modo pleno e também deixam professoras e professores à mercê dos pais. (MIGUEL, 2016, p. 613-614).

Porém, a “liberdade de expressão do professor” é essencial para seu exercício da profissão e “não é uma forma de irresponsabilidade”. Evidenciando que o MESP é movido “por um sentimento de hostilidade aos professores e indica um caminho de criminalização da docência”. Em um país em que essa profissão não é devidamente valorizada, esse movimento “quer que eles sejam vistos como corruptores em potencial, que devem ser permanentemente vigiados, controlados, punidos”. (MIGUEL, 2016, p. 615).



## **CAPÍTULO II: ABORDAGEM METODOLÓGICA.**

É evidente a necessidade de uma abordagem mais ampla e significativa a respeito da sexualidade infanto-juvenil nos cursos de formação docente, como o de Licenciatura em Pedagogia, os quais, grande parte da matriz curricular está direcionada para o desenvolvimento cognitivo, enquanto as questões referentes à sexualidade e afeto não são abordadas ou são de forma superficial, mesmo sendo tão importantes para o desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo. Pois, a ausência de disciplinas e atividades formativas a respeito do tema, podem transformar-se em um obstáculo a mais para a competência e domínio de classe do/a futuro/a docente, reduzindo, assim, a capacidade deste profissional para orientar.

### *1. NATUREZA, MEIOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA.*

Objetivando responder o problema de pesquisa: “o conhecimento acerca da sexualidade se faz presente na formação pedagógica?”, assumimos uma pesquisa de natureza qualitativa. Visto que

[...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...]. Aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. (MINAYO, 2003, p. 21-22).

Para analisar as semelhanças e diferenças entre instituições públicas e privadas, foi utilizado um modelo de categorização comparativa para detectar possíveis diferenças na compreensão da sexualidade como elemento importante na formação docente.

Ocupando-se da explicação dos fenômenos, o método comparativo permite analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais [...]. Pode ser utilizado em todas as fases e níveis de investigação: (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 107).

Como instrumentos para realização da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE – A) com quatro (4) docentes que obtiveram formação em Licenciatura em Pedagogia e estavam, até a finalização desse trabalho, em atuação em uma escola da rede pública; e quatro (4) que estavam em atuação em uma escola da rede privada, buscando identificar se e como, em seu curso de formação, a sexualidade infanto-juvenil foi contemplada, quais as dificuldades encontradas no cotidiano escolar quando se refere ao tema e quais as estratégias utilizadas para lidar com as manifestações da sexualidade pelas crianças e adolescentes.

A opção por entrevistas semiestruturadas justificou-se pela intenção em categorizar respostas, analisar e problematizar a formação docente quanto a sexualidade no exercício da profissão. Pois, segundo Marconi e Lakatos (2003, p.195-196):

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social [...]. Alguns autores consideram a entrevista como o instrumento por excelência da investigação social.

Discutimos, a partir das entrevistas, os casos em que as docentes atuaram para acompanhar e compreender o desempenho daquelas frente as questões.

## *2. UNIVERSO PESQUISADO*

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública e uma escola da rede privada situadas na Região Político Administrativa 3 (RPA 3), na Zona Norte da cidade do Recife, Pernambuco. A instituição da rede pública oferece Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino, atendendo as comunidades do Campo da Vila, Ilha de Joaneiro e Ilha de João de Barros, localizadas nos bairros do Espinheiro, Campo Grande e Santo Amaro, respectivamente. Enquanto a instituição da rede privada oferece, além da Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e Ensino Médio, também nos turnos matutino e vespertino.

### 3 – SUJEITOS PESQUISADOS

Este estudo teve como amostra oito (8) pedagogas, entrevistadas pela pesquisadora, que lecionam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Quatro (4) delas atuam na rede pública da Zona Norte do Recife-PE e quatro (4) em uma escola privada da mesma região e cidade, com tempo de atuação variável entre 2 e 10 anos.

Faz-se necessário pontuar, como descrito acima, que todas as pessoas entrevistadas eram do sexo feminino, pois não foi fácil encontrar pessoas do sexo masculino lecionando nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como coloca Louro (2014), isso é uma construção histórica. No “Brasil a instituição escolar é, primeiramente, masculina e religiosa”, objetivando a “formação de um católico exemplar”. Porém, o magistério e a escola foram se transformando no decorrer da história, acarretando a “feminização do magistério”. Em meados do século XIX, “algumas transformações sociais” permitiram não só a “entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, o seu predomínio como docentes”. (LOURO, 2014, p. 98-99). Neste caso, *corroborativamente*, não conseguimos professor.

Das quatro (4) entrevistadas que lecionam na rede pública, duas (2) são graduadas em Licenciatura em Pedagogia por universidades da rede pública e as outras duas (2) por universidades da rede privada da mesma cidade. O mesmo acontece com as quatro (4) entrevistadas que lecionam na rede privada. Portanto, essa amostragem foi intencional.

A participação das profissionais foi voluntária e a publicação dos resultados da pesquisa autorizada pelas mesmas, contudo, foram mantidos seus anonimatos, como consta no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (ANEXO A).

E, para auxiliar a diferenciação entre as professoras, preservando suas identidades, foram atribuídas as seguintes identificações (QUADRO 01):

**QUADRO 01:** Categorização das docentes entrevistadas.

<b>Código</b>	<b>Idade</b>	<b>Graduação (ano)/ Especialização</b>	<b>Universidade que cursou</b>	<b>Rede em que leciona</b>	<b>Experiência docente</b>	<b>Modalidade em que leciona</b>
<b>E1</b>	29 anos	Licenciatura em Pedagogia (2014)/ Psicopedagogia	UFPE – Universidade Federal de Pernambuco	Rede Privada	5 anos	4º Ano do Ensino Fundamental
<b>E2</b>	27 anos	Licenciatura em Pedagogia (2015)	UFPE – Universidade Federal de Pernambuco	Rede Privada	3 anos	5º Ano do Ensino Fundamental
<b>E3</b>	37 anos	Licenciatura em Pedagogia (2015) e Letras (2003) / Coordenação Pedagógica	UFPE – Universidade Federal de Pernambuco	Rede Pública	10 anos	5º Ano do Ensino Fundamental
<b>E4</b>	42 anos	Licenciatura em Pedagogia (2005)/ Neuropedagogia	UFPE – Universidade Federal de Pernambuco	Rede Pública	4 anos	4º e 5º Anos do Ensino Fundamental
<b>E5</b>	48 anos	Licenciatura em Pedagogia (2004)	UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira	Rede Privada	10 anos	5º Ano do Ensino Fundamental
<b>E6</b>	35 anos	Licenciatura em Pedagogia (2015)	FASC – Faculdade Santa Catarina	Rede Privada	3 anos	1º Ano do Ensino Fundamental
<b>E7</b>	36 anos	Licenciatura em Pedagogia (2008)/ Psicopedagogia e Gestão Escolar	UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú	Rede Pública	9 anos	1º Ano do Ensino Fundamental
<b>E8</b>	44 anos	Licenciatura em Pedagogia (2002)/ Psicopedagogia	FAFIRE – Faculdade Frassinetti do Recife	Rede Privada e Rede Pública	8 anos	4º Ano do Ensino Fundamental

Fonte: Elaborado pela autora.

As respostas obtidas durante a entrevista foram organizadas em um quadro norteador (APÊNDICE B – QUADRO 02) que possibilitou realizar uma comparação entre o grupo de pedagogas que lecionam na rede pública de ensino e o grupo que leciona na rede privada, bem como entre o grupo oriundo de universidades públicas

e o grupo oriundo de universidades privadas. Cada linha corresponde a resposta de uma entrevistada.

#### *4- ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE*

Para a análise foram criadas as seguintes categorias: “Formação docente; Dificuldades encontradas no cotidiano escolar; Estratégias utilizadas pelas docentes para lidar com as manifestações da sexualidade dos seus alunos; Formação docente e abordagem sobre a sexualidade no ambiente escolar”, que seguiram as questões norteadoras das entrevistas semiestruturadas, as quais foram elaboradas em função de cada objetivo específico estabelecido.

Assim, os dados obtidos nas entrevistas foram organizados em conformidade com as categorias estabelecidas e analisados com base no referencial teórico que fundamenta este trabalho, visando problematizar a formação em alguns cursos de Licenciatura em Pedagogia para o conhecimento sobre sexualidade.

### **CAPÍTULO III: FORMAÇÕES PROFISSIONAIS E EXPERIÊNCIAS COM SEXUALIDADE: DISCUSSÃO E RESULTADOS.**

Sabendo que a sexualidade se faz presente na vida do sujeito, desde o seu nascimento até o fim de sua vida, é importante conhecer como as docentes lidam com a ausência dessa temática na formação pedagógica, como isso interfere em seu desempenho no ambiente escolar, bem como as estratégias criadas no cotidiano escolar para enfrentá-la. Visando atender a cada objetivo específico, comparamos os resultados das entrevistas situando formação, atuação, criatividade e conhecimento quanto ao tema.

#### *1. FORMAÇÃO DOCENTE*

Tendo em vista a formação docente, foram comparadas as respostas às perguntas: O que você entende por sexualidade? Em seu curso de graduação houve alguma abordagem sobre sexualidade infanto-juvenil? Como se deu? Você busca ou já buscou conteúdos referentes à sexualidade voltados para sua formação profissional?

Diante das respostas obtidas para tais perguntas, foi possível perceber que o entendimento acerca da sexualidade por essas profissionais encontra-se restrito ao determinismo biológico ou essencialismo, orientação sexual ou desejo sexual e aos papéis sociais esperados para cada um dos sexos. Nenhuma delas demonstrou um entendimento amplo e/ou conceitual em relação ao que, de fato, os estudos sobre sexualidade contemplam. Como bem coloca Louro (2010), com quem concordamos, ao definir sexualidade:

Linguagem, crenças, fantasias, códigos sociais, desejos inconscientes, atributos biológicos constituem a sexualidade, em combinações e articulações complexas. Tal como o gênero, a raça ou a classe, a sexualidade também precisa ser compreendida no âmbito da história e da cultura. Nessa ótica, as identidades sexuais deixam de ser concebidas como meros resultantes de "imperativos biológicos" e passam a ser entendidas como constituídas nas relações sociais de poder, em complexas articulações e em múltiplas instâncias sociais. Isso aponta para o fato de que as identidades precisam ser compreendidas sob uma ótica política. Nomeadas no contexto da cultura, experimentam as oscilações e os embates da cultura: algumas gozam de privilégios, legitimidade,

autoridade; outras são representadas como desviantes, ilegítimas, alternativas. Enfim, algumas identidades são tão "normais" que *não precisam dizer de si*; enquanto outras se tomam "marcadas" e, geralmente, *não podem falar por si*. (LOURO, 2010, p. 66-67).

Realizando uma categorização comparativa entre os grupos de docentes oriundas de universidade públicas com o grupo das oriundas de universidades privadas, podemos observar que o primeiro grupo possui um entendimento "maior" acerca do tema, seguido de uma visão menos discriminatória. Como podemos observar nas falas a seguir:

Sexualidade é individual de cada ser humano e é instituído ao longo de desenvolvimento de cada criança. Então a criança, ela se desenvolve e, em contraponto, vai desenvolver sua sexualidade, ela vai desenvolver ao longo de suas vivências. E o ser humano, no fim, constitui, cada um, um indivíduo e sua sexualidade diferente. Que deve ser né? Mas, aí a sociedade quer impor que seja igual. (E1 - Pedagoga formada pela UFPE, que leciona na rede privada de ensino).

É um termo amplo. Mas, eu acredito que sexualidade é o que representa o sexo de cada pessoa, tem o teor de conteúdo quando é referente a criança e tem o que é referente à adulto. Mas, eu acredito que é isso, é o termo usado para diferenciar um homem de uma mulher, um menino de uma menina. (E7- Pedagoga formada pela UVA, que leciona na rede pública de ensino).

Podemos inferir que o pouco domínio científico sobre o assunto seja consequência, também, de que essas profissionais não obtiveram formação significativa em relação a sexualidade infanto-juvenil em seus cursos de graduação, como relatado nas entrevistas. Apenas algumas pedagogas (em sua maioria oriundas de universidades públicas) relataram que quando se discutia a respeito, era apenas em relação às fases do desenvolvimento sexual segundo Freud, discutidas no primeiro capítulo desse trabalho, em alguma disciplina de Psicologia, como declaram essas entrevistadas:

Nunca houve uma abordagem sobre isso. O que eu pratiquei/pratico em sala de aula foi aprendido com vivência em sala de aula, com observações, intervenções, ajudas de companheiras, psicóloga. O ensinamento veio, no dia a dia, dentro da própria escola. (E5 - Pedagoga formada pela UNIVERSO, que leciona na rede privada de ensino).

Tivemos uma disciplina chamada “Aspetos socio-afetivos do desenvolvimento” e “pincelamos” algumas coisas sobre sexualidade. Mas foi algo muito pontual, não nos aprofundamos muito não. Falamos da infância, sobre Freud, as fases. (E3 - Pedagoga formada pela UFPE, que leciona na rede pública de ensino).

Além disso, podemos associar ainda esse “pouco domínio” ao fato de a grande maioria delas não ter buscado conteúdos referentes à sexualidade voltados para sua formação profissional, como formação continuada, componentes curriculares, experiências extracurriculares, se restringindo apenas às leituras de alguns textos durante a graduação ou quando surgisse alguma necessidade no cotidiano escolar, como podemos observar na fala a seguir:

Já procurei mais, hoje nem tanto. Até porque, a gente, em algumas disciplinas do currículo das crianças, principalmente eu, como professora do 5º ano, a gente precisa abordar a questão da sexualidade, mas ainda é um tabu, porque é tudo muito confuso, você tem que ter muito tato ao tratar do assunto. Então eu já busquei para tentar me orientar em relação a como abordar isso com as crianças, mas não me lembro dos títulos. Na faculdade a gente tem, mas é muito aberto, muito simples. (E3 - Pedagoga formada pela UFPE, que leciona na rede pública de ensino).

Nessa fala, podemos observar também que a sexualidade continua sendo considerada um assunto complexo, inacessível à formação, sendo objeto de tabus e preconceitos, como discutido nesse trabalho.

## *2. DIFICULDADES ENCONTRADAS NO COTIDIANO ESCOLAR*

Com o intuito realizar uma categorização comparativa entre as docentes de escolas públicas e de escolas privadas acerca das dificuldades encontradas no ambiente escolar quanto a sexualidade, foram realizadas as seguintes indagações: Você se sente seguro(a) para tratar essa temática no meio escolar? Por quê? Quais as dificuldades, acerca da sexualidade, que você encontra no cotidiano escolar? Você já presenciou e/ou presencia alguma discriminação sexual no meio escolar? O que você fez/faz a respeito? Tem um exemplo? Como se deu a solução do fato? E ainda foi solicitado que cada uma relatasse ao menos um caso/ acontecimento



relacionado a sexualidade e/ou discriminação que ela presenciou e/ou interveio em sua experiência.

A maioria das docentes afirmou não se sentir segura em abordar a temática da sexualidade no ambiente escolar, pelo próprio tabu que esse tema carrega consigo, como afirma a entrevistada E1:

Não me sinto segura, porque nem sempre a própria escola e os pais estão preparados para tal assunto, ainda existe muito tabu e falta de informação sobre. (E1- Pedagoga formada pela UFPE que leciona na rede privada de ensino).

Outras alegaram que falar sobre sexualidade é uma responsabilidade da família. Como podemos observar na fala da professora E5:

[...] eu peço que conversem com seus pais, vejam o que eles têm a dizer, que eles devem priorizar o que a família deles pensam. Acho que, inicialmente, a família é a instituição maior na vida de uma criança. (E5- Pedagoga formada pela UNIVERSO, que leciona na rede privada de ensino).

Mas, diferentes sujeitos, “portanto, diferentes formas de expressão da sexualidade, fazem parte de um mesmo espaço de educação que é a sala de aula”. (SILVA, 2007, p. 4). Porém, a sexualidade não é discutida como conhecimento, nem mesmo nos cursos de formação docente.

E quando o problema está justamente no seio familiar? Pois sabemos que a maioria das ocorrências de abusos sexuais com crianças e adolescentes, ocorre dentro de casa. Isto pode ser comprovado na seguinte fala:

Tinha um aluno que chegava todo amedrontado, ele e o irmão dele mais novo, ele era Grupo 5 e o irmão Grupo 4. Então, quando a gente foi conversar com ele sobre algumas atitudes dele, ele dizia que era o pai que colocava filme pornô e assistia com ele e as vezes ele queria abraçar as meninas mais forte e a gente achava isso estranho. Porque uma criancinha abraçar a outra, a gente sabe o jeito considerado normal, ne? Então a gente perguntou e ele confessou que era o pai que colocava filme pornô para assistir com ele e o irmão de 4 anos também assistia. (E7- Pedagoga formada pela UVA, que leciona na rede pública de ensino).

Quando os docentes possuem um maior entendimento acerca da sexualidade podem proporcionar o desenvolvimento do senso crítico entre crianças e adolescentes, além de um ambiente de aceitação de si próprio, que gera um sentimento de segurança para expor seus conflitos, medos, ansiedades e angústias em relação à própria sexualidade, ainda ajudando na prevenção e combate às doenças sexualmente transmissíveis, à gravidez indesejada e à violência sexual e de gênero.

Esses relatos da entrevistadas nos levam a refletir sobre as dificuldades que essas profissionais encontram no meio escolar acerca da sexualidade. As mais evidenciadas nas falas das entrevistadas foram, como já mencionado, o tabu por parte da religião, da família e da própria escola em abordar o tema, o combate ao machismo, ao preconceito, discriminação (que se dá, justamente, devido à ausência de informação) e ainda o “não saber agir” diante das manifestações da sexualidade por seus alunos/as. Como pode ser observado na seguinte fala:

A questão da família, da religião e do preconceito que está muito implícito ainda. Principalmente nas pessoas menos esclarecidas que a gente atende. É muito preconceito. E isso atrapalha bastante, porque eles levam atividades para casa e em casa eles não têm esse apoio de responder e ainda vem essas cobranças dos pais depois. Atrapalha também quando a gente quer fazer alguma coisa diferente e até as pessoas do nosso convívio escolar falam “menina, mas se tu for falar isso, os pais vão vir aqui, cuidado”. (E4 - Pedagoga formada pela UFPE, que leciona na rede pública de ensino).

Seja em escolas da rede pública ou da rede privada, falar sobre sexualidade é ainda um tabu. Porém, na rede privada esse tabu é ainda mais resistente, de acordo com as entrevistadas. Pois elas, como relataram, não possuem liberdade para falar sobre o tema, sendo mesmo proibidas. E tudo que for relacionado à sexualidade que deve ser trabalhado em casa, com a família, na escola esse tema deve ser ignorado, omitido. Isto pode ser confirmado na fala a seguir:

A gente praticamente não aborda. Inclusive no livro que estamos trabalhando, no 5º ano, a gente está cortando textos que falam sobre isso. O livro traz questões como “o que você sente pelo outro?”, “quando você olha para o outro você pensa o que? você tem atração?”, ele traz palavras, inclusive, mais aprofundadas do

que a gente pensaria em trabalhar com uma criança. Mas, que também, se trabalhássemos de forma leve, a gente conseguiria abordar e fazer com que as crianças tivessem outro pensamento, não aquele pensamento, vamos dizer “safado” [...]. Então acontece de a gente praticamente não abordar, vamos falar mais dos órgãos, de como o corpo se constrói e não a sexualidade em si. E isso se dá pelo medo que a família tem que eles aprendam na escola o que não deveriam aprender e eles trazem muito isso que a escola não é para ensinar esse tipo de coisa. (E2- Pedagoga formada pela UFPE, que leciona na rede privada de ensino).

Além disso, verificamos nessa fala também a presença do senso comum que associa sexualidade à “safadeza”. Mas, como discutido neste trabalho, a sexualidade engloba aspectos biológicos, psicológicos e sociais.

A noção moderna de sexualidade foi a responsável por articular esse leque de diferentes possibilidades físicas, mentais e sociais, propiciando um trânsito contínuo entre o que seria, por um lado, uma “dimensão interior” dos sujeitos (seu senso profundo de identidade pessoal) e, por outro, a esfera social, cultural e política mais ampla – que diz respeito à organização da família e do parentesco, ou mesmo à divisão social do trabalho e ao estabelecimento de códigos morais e legais. Esta construção peculiar está tão presente no senso comum das sociedades modernas a ponto de fundamentar a classificação das pessoas, prescrevendo trajetórias e papéis sociais inescapáveis, sob o risco de serem consideradas “exceções” anormais, degeneradas, imorais ou, como ainda acontece em vários países, criminais.

### *3. ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELAS DOCENTES PARA LIDAR COM AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE POR SEUS ALUNOS*

Tendo em vista tais dificuldades relatadas, as seguintes perguntas foram realizadas: Quais são suas estratégias para lidar com as manifestações da sexualidade pelos seus alunos? Você já presenciou e/ou presencia alguma discriminação sexual no meio escolar? O que você fez/faz a respeito? Tem um exemplo? Como se deu a solução do fato? E ainda solicitamos: Relate ao menos um caso/acidente relacionado a sexualidade e/ou discriminação que você presenciou e/ou interveio em sua experiência.

Como a sexualidade não é algo que o estudante “deixa fora” da escola ao entrar nela, o docente precisa desenvolver estratégias para lidar com suas manifestações por parte de seus alunos, mesmo que não tenha tido uma formação sobre isso. E entre as docentes entrevistadas, a grande maioria diz utilizar do diálogo quando surge alguma questão de sexualidade no ambiente escolar.

Eu acho que a questão não é assustar, não é inibir e nem proibir... a questão é conversar. Então, minha principal estratégia é tentar dialogar e explicar que isso é algo natural, mas que eles têm que, socialmente falando, encontrar um ponto que isso seja aceitável também. Com o 5º ano eu faço muita leitura de textos, rodas de diálogo, pego caixinhas e peço para eles colocarem perguntas nela, para que eles não tenham vergonha de perguntar sobre o que têm curiosidade, para eles se sentirem à vontade, sem se identificar. E dá muito certo. Tento mediar uma conversa que explique e tente esclarecer para eles as dúvidas. (E3 - Pedagoga formada pela UFPE, que leciona na rede pública de ensino).

Outras simplesmente preferem “tirar o foco” e deixar que a família discuta esses assuntos com os estudantes, como relata a entrevistada E8:

Dependendo da idade, vai ter um foco diferente. Se for pequenininho, como eu falei, a gente vai tirando o foco, se for grande... ainda mais em escola particular, é melhor deixar quieto. (E8- Pedagoga formada pela FAFIRE que leciona na rede pública de ensino).

Discutir acerca da sexualidade no ambiente escolar não é uma tarefa fácil, ainda mais quando esse tema não foi contemplado nas formações docentes. É uma tarefa que requer “criatividade, revisão dos próprios conceitos e, mesmo, questionamentos acerca das posturas de alguns profissionais da educação. É preciso romper o pacto de silêncio ao redor das sexualidades”. (SANTANA, 2016, p.11964).

Outro fato interessante de pontuar é que todas as entrevistadas relataram ao menos um caso/acontecimento de discriminação sexual no ambiente escolar que tiveram que intervir, principalmente na presença de discursos e atitudes

sexistas e homofóbicas, como podemos observar na fala a seguir. O que mostra que questões inerentes à sexualidade se fazem presentes sim na escola.

Sim, pela questão de alguns meninos, às vezes, terem a mania de xingar o outro de veado, dizer que é boneca, que é menina. Então a primeira coisa que eu peço é que respeito, então peço para pedir desculpa, se o colega aceitar a desculpa de boa, ok! Mas, se o colega continuar o conflito, encaminhamos para a psicóloga da escola. (E2- Pedagoga formada pela UFPE, que leciona na rede privada de ensino).

Tais relatos sobre os silêncios das docentes frente às manifestações de sexualidade por seus alunos e sobre os vários casos de discriminação sexual nos levam a concordar com a seguinte afirmação:

[...] nos silêncios, no “currículo explícito e oculto”, vão se reproduzindo desigualdades. Quando a escola não oferece possibilidades concretas de legitimação das diversidades (nas falas, nos textos escolhidos, nas imagens veiculadas na escola etc) o que resta aos alunos e alunas, senão a luta cotidiana para adaptar-se ao que esperam delas/as ou conformar-se com o status de “desviante” ou reagir aos xingamentos e piadinhas e configurar entre os indisciplinados? E, por último, abandonar a escola. (BRASIL, 2009, p. 32).

#### *4. FORMAÇÃO DOCENTE E ABORDAGEM SOBRE A SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR*

As entrevistas suscitaram vários relatos de casos relacionados à sexualidade em que as docentes tiveram que intervir. Mas, que, devido à falta na formação, interesse e entendimento sobre o tema, as entrevistadas ressaltaram não se sentirem seguras em abordar o tema e “não saberem agir” diante das manifestações de sexualidade que permeiam o ambiente escolar. Dessa forma, acabavam agindo seguindo suas crenças e convicções.

A notória dificuldade dessas profissionais em lidar com o desenvolvimento das crianças em relação à sexualidade nos leva a questionar a formação docente, os cursos de pedagogia, em que as disciplinas estão intimamente relacionadas ao

desenvolvimento cognitivo, apenas, deixando a sexualidade e afeto, tão importantes na vida das pessoas, tão presente no ambiente escolar, de lado.

Isso nos leva a concordar com Silva (2007, p. 4), ao falar que a falta de discussão acerca da sexualidade nos cursos de Licenciatura “pode transformar-se em um forte empecilho para o futuro professor”, tendo em vista que existe:

[...] uma “multiplicidade de sexualidades povoando as escolas. A mulher professora/mãe grávida; o adolescente passando por transformações corporais e de comportamento; a criança curiosa em relação ao seu contexto familiar; as mães grávidas esperando os filhos no portão da escola; o(a)s aluno(a)s, na escola, dando o primeiro beijo no(a) primeiro(a) namorado(a); os homossexuais convivendo com a maioria de heterossexuais na escola; o corpo, que o uniforme tenta esconder, despertando o desejo no(a) outro(a); os bilhetes-cartinhas de amor em movimento na escola; a paixão platônica pelo(a) professor(a); as piadas, risadas e a troca de informações e confidências entre colegas. (SILVA, 2016, p. 4).

Não podemos deixar de falar ainda da resistência por parte das instituições escolares em se discutir esse tema, principalmente as da rede privada, em que constatamos que as professoras são orientadas a não tocarem no assunto, a ignorar. Mas, como ignorar a sexualidade se ela se faz presente a todo momento?

Vale destacar também que a religião é ainda uma das “grandes vilãs” da abordagem desse tema no ambiente escolar, tendo em vista que a maioria das entrevistadas disseram “sofrer pressão” por parte das famílias dos estudantes, devido às crenças religiosas, ao se falar sobre sexualidade. Além das próprias convicções religiosas das entrevistas, que fazem com que suas concepções sejam colocadas em prática, por meio de ações em sala de aula, como podemos verificar na fala seguinte, ao questionarmos quais eram as dificuldades, acerca da sexualidade, que a entrevistada encontrava no ambiente escolar:

No caso se for sobre a “ideologia de gênero” ou “homossexualismo” eu ainda não observei. Mas, já teve casos, situações de a gente procurar crianças aqui na escola, por exemplo, na quadra teve uma aluna minha que procuramos ela e não achamos, depois encontramos ela em um cantinho com um menino, um tocando no outro e um já estava com a roupinha arriada. Foi essa situação que a gente encontrou aqui na escola. (E7 - Pedagoga formada pela UVA, que leciona na rede pública de ensino).

Ou ainda na seguinte fala, quando questionada sobre o que ela pensava acerca do termo "ideologia de gênero":

Sobre ideologia de gênero, eu vejo muita gente, hoje, discutindo e relatando e lutando por isso, eu respeito. Eu, na verdade eu não consigo... queria eu estar na cabeça de uma pessoa que defende isso. Porque eu sou evangélica, mas fora isso, eu acredito muito na bíblia. E, para mim, Deus criou homem, homem e mulher, mulher, então quando um homem se passa a se conhecer como uma mulher e uma mulher se passa a se conhecer como um homem, eu respeito, mas, ao mesmo tempo, eu não concordo com essa atitude. Mas eu respeito, até então tenho até familiares homossexuais, não sou de tratar mal. Tem gente evangélica, que eu já vi em entrevistas, em filmagens, que tratam mal "ah, você vai para o inferno, porque Deus disse que não pode, que é abominável"... Bom, isso aí vai ser essa pessoa depois com Deus. Agora eu, como cristã, tenho que respeitar a escolha de cada um. Então eu respeito a opinião de cada um. (E7 - Pedagoga formada pela UVA, que leciona na rede pública de ensino).

Diante das respostas obtidas nas entrevistas, podemos inferir que a escola é "instituição-parte da sociedade e por isso não poderia se isentar dos benefícios ou das mazelas produzidos por essa mesma sociedade". Essa instituição recebe influências dos "modos de pensar e de se relacionar da/na sociedade", como também os influencia, contribuindo assim para suas transformações. (BRASIL, 2009, p. 31).

A escola, por seus propósitos, pela obrigatoriedade legal e por abrigar distintas diversidades (de origem, de gênero, sexual, étnico-racial, cultural etc.), torna-se responsável – juntamente com estudantes, familiares, comunidade, organizações governamentais e não governamentais – por construir caminhos para a eliminação de preconceitos e de práticas discriminatórias. (BRASIL, 2009, p. 31).

Concordamos que "não se faz uma educação de qualidade sem uma educação cidadã, uma educação que valorize a diversidade". Porém, é inegável que essa instituição possui "uma antiga trajetória normatizadora e homogeneizadora que precisa ser revista" (BRASIL, 2009, p. 31), como pudemos comprovar com as entrevistas realizadas para esse trabalho.

É no ambiente escolar que crianças e jovens podem se dar conta de que somos todos diferentes e que é a diferença, e não o temor ou a indiferença, que deve atiçar a nossa curiosidade. E mais: é na escola que crianças e jovens podem ser, juntamente com os professores e as professoras, promotores e promotoras da transformação do Brasil em um país respeitoso, orgulhoso e disseminador da sua diversidade. (BRASIL, 2009, p. 33).

Mas, como ser um docente “promotor” da transformação, do respeito à diversidade, se nos cursos de licenciaturas não há uma abordagem significativa acerca de temas como a sexualidade? Como colocado por Silva (2007, p.6):

[...] no currículo da escola e da Formação de Professores [...] são produzidos conhecimentos acerca daquilo que não deve ser tratado, pois foge do padrão de normalidade. Algumas disciplinas e alguns conhecimentos já são tradicionalmente reconhecidos. Outras disciplinas consideradas fora do padrão e outros conhecimentos não tradicionais, como sexualidade, não são e dependem de interesses dos grupos profissionais para serem legitimados como conhecimento escolar.

Diante das respostas obtidas durante as entrevistas foi possível perceber que a maioria dos cursos de formação docente, como os de licenciatura em Pedagogia, não preparam o futuro profissional da educação para uma abordagem segura acerca da sexualidade no ambiente escolar. Dessa forma, julgamos necessário que esses cursos “aprofundem as discussões sobre os papéis dos futuros professores e as opções com as quais eles irão se confrontar ao longo de sua vida profissional” (SILVA, 2016, p.6), como as manifestações da sexualidade por parte dos estudantes. Mesmo que preparar esses profissionais ainda encontrem na escola uma negativa a aulas ou conversações sobre o assunto, como relatado por grande parte das entrevistadas.



## CONCLUSÃO

Em nossa sociedade, a sexualidade é ainda frequentemente objeto de repressões, tabus e preconceitos. Mas, em lugares de formação de sujeitos, como a escola, é importante que essa temática seja suficientemente compreendida pelos profissionais que nela atuam, pois a sexualidade é condição de reprodução e existência humana, além de ser parte integrante da identidade do sujeito.

Por esta razão, buscou-se, nesse estudo, problematizar a formação pedagógica sobre sexualidade no meio escolar, identificando e analisando as reais condições que profissionais da educação encontram acerca do trato da temática na escola fundamental.

A análise dos dados coletados no presente estudo possibilitou perceber, no que diz respeito a formação docente, que não há uma abordagem significativa acerca da sexualidade na maioria dos cursos de graduação realizados pelas entrevistadas. Devido ao fato de a grande maioria ter demonstrado não possuir um entendimento conceitual e mais amplo ao que, de fato, os estudos sobre sexualidade contemplam.

Porém, ao realizarmos uma categorização comparativa entre os grupos de docentes oriundas de universidades públicas com o grupo oriundo de universidades privadas, pudemos perceber que o primeiro possui um entendimento maior e uma visão menos discriminatória em relação ao tema.

Além disso, a ausência de disciplinas que discutam essa temática na matriz curricular desses cursos é percebida pelas entrevistadas como um obstáculo a mais no ambiente escolar, ocasionando a redução da capacidade destas profissionais para orientar. Em contra partida, a maioria delas assumiu não buscar conteúdos referentes a essa temática orientadores para sua formação profissional, a não ser que surja algum caso específico em sala de aula.

Fatos que nos levam a concordar com Louro (2014, p. 84, grifos da autora) ao dizer que:

[...] embora presente em todos os dispositivos de escolarização, a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta. Indagados/as sobre essa questão, é possível que dirigentes ou professores/as façam afirmações do tipo: “em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum *problema* nessa área”, ou então, “nós acreditamos que cabe à família tratar desses assuntos”. De algum modo, parece que se deixarem de tratar desses “problemas” a sexualidade ficará fora da escola. [...].

Mas, a sexualidade se faz presente nos ambientes escolares porque ela é parte integrante das identidades dos sujeitos. E, entre as principais dificuldades encontradas no cotidiano escolar, no que se refere à sexualidade, as entrevistadas destacaram a insegurança na abordagem de assuntos relacionados ao tema, pela falta de informação e/ou fragilidade em sua formação, bem como pelo próprio tabu que esse tema carrega consigo e a ainda pela falta de liberdade para se falar a respeito, sobretudo na escola da rede privada em que as entrevistadas atuavam.

Diante dessas dificuldades, as estratégias adotadas por elas, na presença das manifestações da sexualidade por seus alunos, das curiosidades, dos preconceitos e discriminações relatados nas entrevistas, era, dependendo do caso, o diálogo guiado por suas convicções, o encaminhamento dos “problemas” para gestão escolar e/ou para família dos estudantes ou, simplesmente, o “tirar o foco”, o silenciamento, mesmo reconhecendo que questões inerentes à sexualidade se fazem presentes no ambiente escolar. Pois, todas relataram ao menos um acontecimento que envolvendo sexualidade ou discriminação sexual em que tiveram que intervir.

Concluimos, assim, que uma abordagem mais ampla e significativa a respeito da sexualidade se torna necessária nos cursos de formação docente, especialmente nos de Licenciatura em Pedagogia, que não abordam questões sobre a sexualidade infanto-juvenil, imprescindíveis para o desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, ou, quando o fazem, é de forma superficial. Pois, a sexualidade está na escola, campo de atuação desses profissionais, sendo parte do sujeito. E essa presença “[...] independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de ‘educação sexual’, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares”. (LOURO, 2014, p. 85).

[...] se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 2014, p. 89-90, grifos da autora).

Mas, essa “interferência” só poderá ser realizada de forma segura, quando os profissionais que atuam na escola tenham, em suas formações, uma discussão mais ampla e significativa em relação à sexualidade.

A partir da coleta de dados acredita-se que o objetivo geral da pesquisa, que propunha compreender como os/as docentes percebem ou justificam sua fragilidade em relação ao entendimento sobre sexualidade para seu/sua desempenho no ambiente escolar e a criação de estratégias para enfrentá-la, foi atingido.

Contudo, a partir das reflexões sobre sexualidade e formação pedagógica, tanto por meio da literatura utilizada, quanto por meio das entrevistas realizadas, algumas possibilidades de pesquisas acerca dessa temática suscitaram, como por exemplo, investigar como a sexualidade é abordada nos cursos de formação docente, em especial os de Licenciatura em pedagogia e ainda, tendo em vista o avanço conservador no Congresso Nacional e sua tentativa de bloquear discussões em torno da sexualidade e das identidades de gênero na escola, quais estratégias poderão ser criadas para que esses assuntos não sejam silenciados.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: <[http://estatico.cnpq.br/porta1/premios/2013/ig/pdf/genero\\_diversidade\\_escola\\_2009.pdf](http://estatico.cnpq.br/porta1/premios/2013/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf)>. Acesso em: 10 Jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 52-312. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 24 Jul. 2018.

BRITZMAN, Débora. Curiosidade, sexualidade e Currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 83-111.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2016. p.13-171.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In.: \_\_\_\_\_. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 9 -34.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 184 p.

\_\_\_\_\_. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-93.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Métodos científicos. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 83-113.

MIGUEL, Luis Felipe. **Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” – Escola sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro.** Direito & Práxis vol.7, no15, Rio de Janeiro, 2016, pp.590-621.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2003. p. 16-29.

SANTANA, Hiller Soares. Por uma didática e uma prática que desinvizibilize as questões de gênero e sexualidade na escola. In: **Encontro nacional de didática e prática de ensino - cenas da educação brasileira.** XVIII ENDIPE. Cuiabá: CRV editora, 2016. p. 11954-11965. Disponível em: <[https://www.ufmt.br/endi2016/downloads/233\\_10248\\_36261.pdf](https://www.ufmt.br/endi2016/downloads/233_10248_36261.pdf)>. Acesso em: 13 Jul. 2019.

SILVA, Mirian Pacheco. Quando o estranho é o professor: narrativas sobre sexualidade e o currículo de formação de professores. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED,** 30, 2007, Caxambu/MG. Anais... Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação. Rio de Janeiro: ANPED, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23-3718-int.pdf>>. Acesso em: 13 Jul. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Teorias do currículo: O que é isto?. In.: \_\_\_\_\_. **Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo.** 3 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 11-17. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/teoriasdecurriculo/home/livro>>. Acesso em: 27 Abr. 2019.

\_\_\_\_\_. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/30518030/tomaz-tadeu-silva-a-producao-social-da-identidade-e-da-diferenca>>. Acesso em: 20 Abr. 2019.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA APLICADO  
AOS/AS PEDAGOGOS/AS.**

*1. Dados da entrevista.*

Data: \_\_\_\_\_

Hora: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Duração: \_\_\_\_\_

*2. Dados de identificação.*

Idade:	
Gênero:	
Religião:	
Escola em que leciona:	
Turma em que leciona:	
Tempo de atuação docente:	
Disciplinas que ministra:	
Universidade que frequentou:	
Formação acadêmica:	
Especialização:	
Cursos:	

*3. Perguntas norteadoras para pedagogos/as que estão atuando no Ensino Fundamental em escolas.*

- O que você entende por sexualidade?
- Em seu curso de graduação, houve alguma abordagem sobre sexualidade infanto-juvenil? Como se deu?
- Você busca ou já buscou conteúdos referentes à sexualidade voltados para sua formação profissional (textos, componentes curriculares, experiências extracurriculares, formação continuada etc.)?

- Você se sente seguro(a) para tratar essa temática no meio escolar? Por quê?
- Quais as dificuldades, acerca da sexualidade, que você encontra no cotidiano escolar?
- Quais são suas estratégias para lidar com as manifestações da sexualidade pelos seus alunos?
- Você já presenciou e/ou presencia alguma discriminação sexual no meio escolar? O que você fez/faz a respeito? Tem um exemplo? Como se deu a solução do fato?
- Relate ao menos um caso/acontecimento relacionado a sexualidade e/ou discriminação que você presenciou e/ou ouviu em sua experiência.
- O que você pensa sobre o termo "ideologia de gênero"?

**APÊNDICE B – QUADRO 02: CATEGORIZAÇÃO DAS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS.**

<b><i>O que você entende por sexualidade?</i></b>
<b>E1:</b> Sexualidade é individual de cada ser humano e é instituído ao longo de desenvolvimento de cada criança. Então a criança, ela se desenvolve e, em contraponto, vai desenvolver sua sexualidade.
<b>E2:</b> Sexualidade é aquilo que a gente tem, que a gente vive, que a gente sente. Não é nada demais, é uma coisa comum, presente no ser humano.
<b>E3:</b> Sexualidade tem a ver com o desejo de cada um. Eu acredito na sexualidade como o desejo do prazer, da satisfação e é uma coisa muito particular, cada um tem a sua sexualidade.
<b>E4:</b> Sexualidade é uma escolha que se faz a partir do momento que temos um entendimento de mundo. Então, quando alguém diz que uma criança já está fazendo sua escolha sexual, na verdade, com o dia a dia, ela vai se descobrindo e nessa descoberta ela vai fazer sua escolha, se vai ser homossexual, heterossexual, bissexual.
<b>E5:</b> Sexualidade é, para mim, o gênero que cada um carrega. O lado de todas as características pertencentes ao masculino e todas as características pertencentes ao lado feminino, tanto físicas, quanto sociais e que o comportamental está inserido.
<b>E6:</b> Sexualidade é a distinção de sentimentos. É você distinguir certos tipos de sentimentos, também de gênero, de tudo. Você trabalha um pouco de tudo nessa questão.
<b>E7:</b> É um termo amplo. Mas, eu acredito que sexualidade é o que representa o sexo de cada pessoa, tem o teor de conteúdo quando é referente a criança e tem o que é referente à adulto. Mas, eu acredito que é isso, é o termo usado para diferenciar um homem de uma mulher, um menino de uma menina.
<b>E8:</b> Sexualidade, a primeira coisa que eu penso é no sexo, se é feminino ou masculino. Agora se eu for analisar uma questão de sexualidade, aí eu posso entrar no ramo da psicologia também.
<b><i>Em seu curso de graduação, houve alguma abordagem sobre sexualidade infanto-juvenil? Como se deu?</i></b>
<b>E1:</b> Não. O que eu tive foi uma cadeira de “identidade de gênero”, que a gente conversou um pouco de tudo e em algumas cadeiras de psicologia, que conversamos sobre Freud, sexualidade infantil.
<b>E2:</b> Sim. Falamos nas aulas de psicologia. A gente discutiu, principalmente a infantil, as fases de Freud. Não chegamos a discutir uma fase assim da adolescência tão específica não, era discutido muito mais o desenvolvimento infantil.
<b>E3:</b> Sim. Tivemos uma disciplina chamada “Aspetos socio-afetivos do desenvolvimento” e “pincelamos” algumas coisas sobre sexualidade. Mas foi algo muito pontual, não nos aprofundamos muito não. Falamos também da infância, sobre Freud, as fases.
<b>E4:</b> Não. Na verdade, o que tinha era mais uma abordagem da professora para questionamentos nossos, mas não era nada direcionado.
<b>E5:</b> Nunca. O que eu pratiquei e pratico em sala de aula foi aprendido com vivência em sala de aula, com observações, intervenções, ajudas de companheiras, psicóloga. O ensinamento veio, no dia a dia, dentro da própria escola.
<b>E6:</b> Não. Mas a gente aconteceu de falar das fases, né? Fase oral, fase das fitas. Nessa parte sim foi abordado essa questão de sexualidade, que a gente vai saber de cada uma delas, de acordo com a faixa etária. Mas, só foi isso.
<b>E7:</b> Não. Não lembro de ter estudado sobre isso não.
<b>E8:</b> Não. Isso eram assuntos que estavam sempre envolvidos nas aulas e que geralmente professores de educação especial sempre falavam dessa questão, mas eu não tive uma matéria, algo específico não.



***Você busca ou já buscou conteúdos referentes à sexualidade voltados para sua formação profissional (textos, componentes curriculares, experiências extracurriculares, formação continuada etc.)?***

**E1:** Não. Para alguma formação sobre sexualidade, eu nunca fui. Mas, busco ler textos, pois acho importante, nós, como profissionais, sabermos sobre esse tema, principalmente hoje em dia.

**E2:** Já, mas muito mais na época em que eu estava na faculdade. Mas, depois que eu me formei, nem tanto. Eu vejo mais questões que eu estou vivenciando no momento, aí eu vou lá e pesquiso exatamente naquela área.

**E3:** Já procurei mais, hoje nem tanto. Quando eu fui buscar mais material, foi a título de me recordar e de tentar buscar uma maneira mais fácil de tratar isso com as crianças.

**E4:** Já, exatamente por trabalhar com de 4º e 5º anos, onde os hormônios estão florescendo, se despertando para namoro e também com aqueles apelidos pejorativos de “franguinho”.

**E5:** Nunca busquei. Sempre li alguma coisa por curiosidade, para me informar, me atualizar, para estar sempre preparada para sala de aula, não podemos estar despreparadas em nenhum termo. Mas, nada que me desse uma formação específica.

**E6:** Não vou mentir dizendo que já procurei, já me interessei, não. Só, de fato, quando eu estava vivenciando essas cadeiras no curso, que você vai se aprofundando. Mas você se aprofunda só naquela lacuna mesmo.

**E7:** Já foi debatido sobre isso em formação continuada pela Prefeitura do Recife, sobre o respeito, sobre o que a família passa. Porque a gente nota pelo público da gente, os alunos, a gente vê as escolhas de gêneros que os pais têm e a gente sabe que é o que a criança vê em casa e elas aprendem isso com o convívio.

**E8:** Quando a gente está em sala de aula, a gente acaba buscando por conta das questões que a gente se depara.

***Você se sente seguro(a) para tratar essa temática no meio escolar? Por quê?***

**E1:** Não. Porque nem sempre a própria escola e os pais estão preparados para tal assunto, ainda existe muito tabu e falta de informação sobre.

**E2:** Sim. Porque quando a gente vai falar de sexualidade a gente tem que deixar claro para as crianças que a gente está falando do nosso corpo e não do ato sexual, que é o que muitas pessoas pensam. Se a gente levar para um lado mais tranquilo, se a gente abordar de uma maneira mais leve, mais aberta, mais lúdica, de acordo com a idade, acho que não tem problema não.

**E3:** Não muito. Pois eu tenho medo de passar do ponto. Na verdade, eu tenho que achar um ponto. Quando eu trabalhei com outro 5º ano, eu tive que antes dar uma preparada nos pais, para que eles não compreendessem mal o que eu estava querendo fazer com as crianças.

**E4:** Sim. Pois eu sempre busquei conhecimento para saber e sei separar as coisas. Eu escolhi essa área, então eu vou trabalhar com o que eu puder para esclarecer e quebrar preconceito. E aí com os pais, eu sei que vai ter problema, que por causa de religião, a gente vai ter arestas.

**E5:** Não. Tanto que quando aparece alguma questão relacionada a isso, eu peço que conversem com seus pais, vejam o que eles têm a dizer, que eles devem priorizar primeiro o que a família deles pensam. Mas, nós professores, quando somos buscados por eles nos sentimos perdidos.

**E6:** Não. Porque, assim, a gente sabe que para a gente falar de uma coisa, a gente precisa ter segurança naquilo que a gente está falando. E como eu não me aprofundei nisso e a faculdade também não se interessou em passar mais coisa, a gente ficou restrito só naquela fase oral, anal, etc...

**E7:** Não. Eu tenho receio de alguns pensamentos meus também. Eu teria que estudar mais para me sentir segura para trabalhar, porque eu acho que os conceitos que eu tenho hoje não seriam agradáveis para algumas pessoas.

**E8:** Não. Por exemplo, se for na educação infantil eu vou tirar o foco da criança. Agora se for alunos mais velhos, como minha outra turma de 4 ano, que tem muitos que já sabem até mais do que eu, você fica “apagando o fogo” para o assunto não render. Até porque eles não estão na idade de você está explicando, cada família que sabe como é que vai resolver.

***Quais as dificuldades, acerca da sexualidade, que você encontra no cotidiano escolar?***

**E1:** As crianças não sabem lidar com a sexualidade, pois ela surge na infância e é sempre um tabu dos adultos para com as crianças. Elas tratam com normalidade, mas o tabu vem do adulto. Então isso dificulta o processo de entendimento da criança. Pois por ser um tabu, é sempre algo que tem que ser escondido, algo que é errado. E não é errado, faz parte, normal e precisamos conduzir.

**E2:** A dificuldade mesmo é em relação a abordar. A gente praticamente não aborda. Inclusive no livro que estamos trabalhando, no 5º ano, a gente está cortando textos que falam sobre isso. Então acontece de a gente praticamente não abordar, vamos falar mais dos órgãos, de como o corpo se constrói e não a sexualidade em si. E isso se dá pelo medo que a família tem que eles aprendam na escola o que não deveriam aprender e eles trazem muito isso que a escola não é para ensinar esse tipo de coisa.

**E3:** As mais frequentes são em relação à religião. E acho que a família e o machismo também, quando a gente trata de certos temas em relação à mulher, a gestação, a concepção, os pais pensam que a gente está orientando o menino a fazer algo. E ainda a própria burocracia mesmo, o próprio sistema, porque a gente fica tão centrado que “criança tem que aprender a ler e a escrever”, que outros conteúdos, outras temáticas a gente vai deixando um pouco de lado.

**E4:** A questão da família, da religião e do preconceito que está muito implícito ainda. Principalmente nas pessoas menos esclarecidas que a gente atende. E isso atrapalha bastante, porque eles levam atividades para casa e em casa eles não têm esse apoio de responder e ainda vem essas cobranças dos pais depois. Atrapalha também quando a gente quer fazer alguma coisa diferente e até as pessoas do nosso convívio escolar falam “menina, mas se tu for falar isso, os pais vão vir aqui, cuidado”.

**E5:** Acho que é você fazer com que todos se respeitem uns aos outros. A dificuldade está aí, pois cada um tem sua opinião e o que é verdade para um, necessariamente não é para o outro. E você fazer que aquela opinião, aquele pensar de um serzinho seja respeitado, que possa ter a oportunidade de ser expressa e respeitada.

**E6:** Como eu fico também no setor do integral, que é um ambiente que eles ficam mais soltos, mais livres. Eu tive uma questão que é da fase de ele conhecer o corpo, aí eu vivenciei isso. E quando eu vivenciei, eu procurei a coordenação, junto com a psicologia e eles procuraram falar com os pais. Na hora, a gente não pode fazer muito alarde, né? Fiz uma abordagem muito sutil, tirando a atenção.

**E7:** No caso se for sobre a “ideologia de gênero” ou “homossexualismo” eu ainda não observei. Mas já teve casos de a gente procurar crianças aqui na escola e não acharmos, depois encontramos eles em um cantinho, um tocando no outro e um já estava com a roupinha arriada.

**E8:** Nos maiorzinhos, quando surge algum comentário a gente vai abafar. Porque eu não estou aqui para explicar, não é meu papel, eles não estão ainda na idade. Então eu não vou nem explicar, porque, assim, tem famílias que aceitam e tem outras que dizem “o que essa professora está falando?”, aí eu prefiro ficar apagando o fogo. E na educação infantil, ficar tirando o foco.

***Quais são suas estratégias para lidar com as manifestações da sexualidade pelos seus alunos?***

**E1:** Conversar sempre que acontecer algo com cuidado, não enrolando, dando a resposta e o encaminhamento correto, usando uma linguagem que vá de acordo com a idade... tratar com naturalidade, como deve ser.

**E2:** Quando acontece alguma coisa, eu só chamo e pergunto o porquê a criança está fazendo isso. Faço com que eles mesmos pensem no que estão fazendo, que eles reflitam. Então eu não vou dizer que não pode, assim de cara, vou indagando, até ela pensar e ver se isso é um ato para uma criança da idade dele está fazendo, porque está fazendo isso na escola, de onde tirou... então ela vai refletir sobre isso e, partindo dessa reflexão, ela vai ver se é interessante ou não continuar fazendo ou onde fazer.

**E3:** Eu acho que a questão não é assustar, não é inibir e nem proibir... a questão é conversar. Então, minha principal estratégia é tentar dialogar e explicar que isso é algo natural, mas que eles têm que, socialmente falando, encontrar um ponto que isso seja aceitável também. Com o 5º ano eu faço muita leitura de textos, rodas de diálogo, pego caixinhas e peço para eles colocarem perguntas nela, para que eles não tenham vergonha de perguntar sobre o que têm curiosidade, para eles se sentirem à vontade, sem se identificar. E dá muito certo.

**E4:** Eu sempre converso com eles. Existe muito a questão do *bullying*. Aí quando eu escuto alguma coisa, eu paro o que estou fazendo, chamo atenção e eles que acabam sendo os bobos e aí esquecem e quando voltam, eu sempre converso na hora, porque eu acho que isso precisa ser trabalhado na hora, se deixar para depois não tem resultado.

**E5:** É difícil. As coisas são trazidas por eles, então eu faço uma roda com eles, sento e converso, pergunto o que eles estão pensando sobre o assunto, sobre o que a gente pode entender sobre isso e daí vamos desenvolvendo até pesquisas, estudos, ouvir opiniões, peço que eles conversem com seus familiares em casa... O ouvir, o conversar e o tentar estar mais próximo da realidade deles é o que eu sempre puxo para mim em relação a qualquer assunto e acho que dá muito certo, porque eles me veem como aliada deles, como alguém que eles podem confiar.

**E6:** Quando eu observo alguma coisa, eu tento tirar o foco e levo o caso à coordenação e psicóloga, para que elas vejam quais atitudes tomar.

**E7:** Acho que com conversa com a criança e, principalmente, chamar o adulto e investigar que atitudes estão tendo em casa para que a criança tome essa atitude também na escola. Porque ela não iria fazer isso por acaso. Talvez ela possa estar assistindo alguma coisa inapropriada na televisão ou vendo alguma atitude que criança não deveria ver. E isso com certeza é alguma coisa refletido de casa, porque na escola ela não presencia isso.

**E8:** Dependendo da idade, vai ter um foco diferente. Se for pequenininho, como eu falei, a gente vai tirando o foco, se for grande... ainda mais em escola particular, é melhor deixar quieto.

***Você já presenciou e/ou presencia alguma discriminação sexual no meio escolar? O que você fez/faz a respeito? Tem um exemplo? Como se deu a solução do fato?***

**E1:** Ainda não, por talvez a minha faixa etária ser menor. Como eu vim do 3º ano eu não vejo muitas questões de preconceito referente à sexualidade. Vejo mais questões relacionadas ao gênero, de menino com menina, em relação a cor, a brinquedo.

**E2:** Sim, pela questão de alguns meninos, às vezes, terem a mania de xingar o outro de veado, dizer que é boneca, que é menina. Então a primeira coisa que eu peço é que respeito, então peço para pedir desculpa, se o colega aceitar a desculpa de boa, ok! Mas, se o colega continuar o conflito, encaminhamos para a psicóloga da escola.

**E3:** Sim, por diversas vezes. Eu sou professora de letras e pedagoga. Eu vejo isso mais forte no ensino médio. Quando é criança é o tabu, a questão é proibir “menino não faça isso” ao invés de ir para o diálogo, para orientação em relação à sexualidade. Mas no ensino médio os jovens já sabem o que querem em relação a sexualidade, já manifestam seus desejos e eu já vi questões muito fortes de preconceito e discriminação em relação a homossexualidade, inclusive partindo de professor para aluno. E também a questão do tabu, pois tem professores também que agem como alguns pais, em relação a religião, a algumas políticas em relação a educação e sexualidade e tudo que se trata de corpo, tem profissionais da educação que são bem “tacanhos” em relação à isso.

**E4:** Sim. Já tive uma aluna que me marcou muito. Ela sofria discriminação por tudo, repetiu 3 vezes de ano, mãe catadora de lixo, não sabe quem é o pai, irmão drogado. Os colegas a chamavam de “mulher-homem”, porque ela tinha a voz grossa e ela agia agressivamente, para se defender. Então ela era muito taxada por todos, inclusive professores. Até eu me aproximar dessa criança, quebrar minhas travas, essa menina terminou o ano lendo, que para mim foi uma realização. E as meninas até me perguntavam “o que foi que tu fizesses com fulana?”. E foi só atenção.

**E5:** Sim. Alguns alunos tinham preconceito com um aluno e em uma aula, um aluno o xingou por conta da mãe que havia se separado do pai para viver com outra mulher e quiseram ter um filho. Aí os meninos trouxeram isso para sala e um dos meninos indagou uma coisa que ele não gostou. Aí, a gente parou para conversar coletivamente, com toda a turma. E eu falei que o que era verdade para uns, não necessariamente era para outros e que ele precisava se colocar no lugar daquele colega, que a partir do momento que a gente ataca, não estamos ajudando e sim prejudicando e seria diferente se a gente se unisse, ouvisse o colega, mesmo que não concordasse. E depois eu conversei só com as duas crianças e foi ótimo que eles foram entendendo.

**E6:** Não lembro de nenhum caso. Até porque só fico com eles nas aulas de literatura.

**E7:** Aqui e em outras escolas que eu trabalhei, graças à Deus, eu não vi não.

**E8:** Sim. Eu já tive um aluno e a gente sabe que esse menino é filho de duas mães e a irmã dele é da sala de minha filha. Então, as questões que eu mais me lembro, é dos questionamentos das outras crianças perante essa família diferente deste aluno. Uma vez teve uma atividade boba, onde cada criança era para trazer sua certidão de nascimento, então todas, mas essa criança não trouxe. Então, aí eu fui apagar o fogo também, porque eles questionam: “Por que fulaninho foi o único que não trouxe?”. Aí são essas as questões que a gente lida na escola e a gente vai ter que aprender a lidar, porque, de agora em diante vai surgir, porque não existe mais aquela família tradicional, existe as outras famílias e cada família é diferente uma da outra. Aí nesse caso, eu deixei uma de “ele esqueceu, a mãe não tirou uma xerox, essas coisas acontecem”.

***Relate ao menos um caso/acontecimento relacionado a sexualidade e/ou discriminação que você presenciou e/ou interveio em sua experiência.***

**E1:** Eu não me recordo. Na minha faixa etária eu não vejo muito a questão do discriminar, vejo mais a questão do não entender. E o “não entender” gera aquela surpresa, pelo fato de eles não entenderem, aí eles falam algumas besteiras, porque eles querem saber, mas não chega a ser uma questão de discriminação. E até a gente mesmo não pode falar abertamente sobre essas questões, a gente é reprimido aqui na escola em relação a isso. E aí é meio complicado. Eu tinha uma aluna que ela não sabia lidar com isso direito e, por questões de ansiedade, ela se masturbava na sala várias vezes. Eu tive que chamar a atenção dela para outras coisas e nunca reprimi, dizendo que aquilo era um ato errado.

**E2:** O que eu mais vejo é essa questão de eles falarem para ofender, não para dizer “Ah, fulano é”, mas para ofender mesmo, para xingar. Porque eles entendem isso como ofensa, então xingar disso vai ser a melhor maneira de sobressair sobre a situação. Aí, a gente faz o que eu te falei, pede desculpa e se o colega insistir, a gente encaminha. Até porque nessa idade eles não têm consciência de nada, eles não sabem o que eles querem ou o que não querem, a gente é que enxerga muito além porque a gente conhece pessoas adultas assim, aí a gente enxerga em uma criança trejeitos de um adulto o que a gente não deveria fazer, porque isso muda tanto na vida.

**E3:** Eu tinha um aluno que era travesti, então ele conversava comigo e chorava muito, porque ele ia para o shopping e riam dele, ele ia para uma loja e não podia entrar no provador feminino... ele se achava mulher, se via como mulher. E muita gente achava ruim, até os próprios funcionários das lojas tratavam ele com preconceito e discriminação. Ele era de uma turma de EJA a noite e fazia shows à noite também em boate. Então ele era muito discriminado por conta disso, mas na turma a gente conseguiu

fazer um trabalho que no final todo mundo se aceitou e ali ele encontrava sossego, porque fora dali ele só me fazia relatos péssimos, inclusive de espancamento.

**E4:** A aluna que eu falei que os colegas a chamavam de “mulher-homem”, ela tinha muitos problemas na vida e eu percebi que, na verdade, não era uma opção dela para o lado sexual, era uma autodefesa. Eu ajudei ela a se ver de uma forma diferente, a se postar de uma forma diferente, que não era agredindo que ela teria a atenção que queria, o carinho. Essa situação foi a que mais me chamou atenção, deu muito trabalho até eu conseguir me aproximar dela em sala de aula, ela ter confiança em mim.

**E5:** Teve um caso que um menino chamou um outro de “bixinha” na frente de todos e ele não gostou. Aí, eu parei a aula e, na frente de todos também, disse: “Pera aí, o seu colega não gostou da situação” e fiz que aquele colega que foi xingado dissesse na frente da turma (pois aconteceu na frente da turma) como estava se sentindo, que não gostou e não se sentiu bem. Então depois eu disse: “Agora você vai olhar nos olhos do seu amigo e dizer que não gostou, pois seu amigo precisa ouvir e essas coisas precisam ser ditas e ele vai ouvir, porque a partir do momento que ele lhe escutou, ele tem por obrigação de lhe respeitar”. Ele falou e eu falei para o outro aluno: “a partir de agora que você já sabe, você tem obrigação de respeitar o seu amigo, então você não vai fazer nada que incomode ele”. Aí ele parou e não houve mais nada. Então eu sempre coloco isso, em qualquer situação, onde exista um querendo humilhar, chatear o outro, eu sempre peço para que ele diga que não gostou e fale “eu não permito”.

**E6:** Vejo mais em relação a xingamentos de “bicha” por um menino querer brincar de boneca. Então, a gente conversa, diz que não pode dizer isso, que ele pode brincar com que quiser que não quer dizer nada... e encaminha para psicóloga.

**E7:** Tinha um aluno que chegava todo amedrontado, ele e o irmão dele mais novo, ele era Grupo 5 e o irmão Grupo 4. Então, quando a gente foi conversar com ele sobre algumas atitudes dele, ele dizia que era o pai que colocava filme pornô e assistia com ele e as vezes ele queria abraçar as meninas mais forte e a gente achava isso estranho. Porque uma criancinha abraçar a outra, a gente sabe o jeito considerado normal, ne? Então a gente perguntou e ele confessou que era o pai que colocava filme pornô para assistir com ele e o irmão de 4 anos também assistia. Aí, para mim, graças à Deus, esse foi o caso mais gritante que eu vi em escola.

**E8:** Nesse caso que eu falei, da atividade da certidão de nascimento... Nessa própria família, que tem duas mães e dois filhos, uma adotou a menina e a outra adotou o menino, então para a menina, a mãe do menino é tia dela. Então, a menina, que é mais velha fez um questionamento assim: “Que coisa estranha, se ela é minha mãe e essa aqui é minha tia, porque que ele é meu irmão e não meu primo?”... Ela própria já estava fazendo as conclusões dela, na cabeça dela. Então até as próprias mãe encobriam a situação dentro de casa. Mas, por que isso? Acho que é perante da sociedade, por medo da discriminação, o medo de ser uma escola particular, pequena, de como vão aceitar. E até na escola pública. Eu estou nessa escola pública a uns 5 anos, e pela primeira vez, tem um casal de duas mulheres que matricularam uma criança de 2 anos na escola. Se tinha, era abafado. Aí você já vê que isso já está em todos os âmbitos.

#### ***O que você pensa sobre o termo "ideologia de gênero"?***

**E1:** Eu acho que existem crianças que nascem e não se reconhecem como aquilo. E para essa criança, em seu desenvolver, ter que ser uma coisa que ela não se reconhece, isso é um dano para uma vida inteira. Por isso eu acho que tem que existir esse olhar sim, para essas pessoas, essa minoria, que não se reconhece ou que, de alguma forma, a sexualidade é diferente da do outro. Pois as pessoas não têm que ser iguais e não têm que ser julgadas por serem diferentes, por elas quererem ser diferentes. Eu acho que precisa existir esse respeito. Então eu acho que a ideologia de gênero está aí para ajudar nisso e isso não significa que eu vou transformar um menino em uma menina, ou que ela fazer que goste de homem ou de mulher... Você gostar de rosa, brincar com boneca não diz que você é uma menina ou que você vai gostar de menino. Isso é um preconceito machista da sociedade.

**E2:** Ideologia de gênero eu acho que é uma questão que veio para criar mais uma ideia. Já tinha uma coisa fixa e veio a ideologia de gênero para desmistificar essa ideologia. Eu acredito que a gente nasce com o sexo masculino ou feminino, a gente tem o corpo diferente, temos sensações diferentes, a mulher cresce de uma forma, o homem cresce de outra. Isso é biologicamente estabelecido. Agora tem as pesquisas novas que, às vezes, a mulher tem uma mentalidade masculina dentro do corpo feminino. Então isso são pesquisas mais adiante, mas eu acho que não é o caso onde a gente já possa tomar atitudes drásticas, por exemplo, dentro de um lugar público colocar um banheiro só para os dois sexos. A gente vive em uma sociedade que não permite esse tipo de atitude, o problema do ser humano é usar coisas boas para fazer coisas ruins. Então assim, se a ideologia de gênero um dia for comprovada e tudo isso for cientificamente estudado, a gente poder ter opções, mas não excluir as que já existem, impondo uma coisa nova. Porque eu acho que isso é tirar uma ditadura e por outra no lugar e não abrir um espaço novo para quem está chegando.

**E3:** Na verdade eu me informei muito pouco sobre isso. Acredito que há coisas que são muito importantes, como também há certos exageros sobre isso. Então, o que eu, como educadora, devo fazer? Me informar. Mas acho muito importante, porque não é possível que uma pessoa nasça menina e queira ser um homem só para ser exibido. Então eu acho que isso é forte e a gente deve debater, procurar aceitar e ver a melhor forma de lidar, a melhor forma de se construir políticas públicas que auxiliem essas pessoas, de se criar leis sem a interferência de certas entidades que não deveriam se meter. É uma questão que deve ser olhada de forma política, da forma social e não pelo lado da religião. Eu acho que a ideologia de gênero encontra esses entraves na religião. Tem muita coisa que a gente tem que lidar em relação a gênero, então claro que tem que ter políticas públicas de educação voltadas para isso, como estava se tentando fazer. Eu não me aprofundi muito nos documentos, nas propostas, mas, pelo que eu vi, pelos comentários, eu acho que tem pontos positivos e pontos que precisam ser melhorados.

**E4:** Eu penso que, às vezes, a forma de tentar ser respeitado que a gente vê por aí, dessas manifestações para aceitação... acho isso também uma forma agressiva. É a forma do querer impor de todo jeito. Lógico que você tem que ter suas defesas, tem que mostrar para a sociedade que agora não é assim, que você existe, que você tem direitos. E aí eu acho que a sociedade tem toda que mudar, mas não é de forma agressiva que vão conquistar o respeito. Quando você está com alguém, você segura na mão, dá um beijo, mas não estar a todo momento como se fosse uma forma de dizer "oh, estou aqui! Eu posso!", quando você vê as outras que pessoas, que são namorados do mesmo jeito, não estão fazendo isso. Eu acho isso uma forma de agressão. Então a questão sexual eu respeito muito, mas eu acho uma falta de respeito com as outras pessoas quando você passa do limite. Acho que existe uma forma errada de querer conquistar esse espaço e esse respeito.

**E5:** É um assunto tão polêmico, mas estou um pouco desinformada em relação à isso. Mas, acho que a criança precisa ser respeitada na sua forma de vinda ao mundo. Acho que a parte bíblica, religiosa aí, para mim, é mais forte. Se Deus criou o homem e a mulher, a gente precisa respeitar enquanto homem e mulher, fazer valer a suas características. Precisamos respeitar isso principalmente na criança. Quando é adulto, dono de si, já toma sua opção sexual, eu respeito quem quer seguir esse caminho. Mas, acho que enquanto criança o adulto tem total responsabilidade. Então jamais eu vou aceitar e permitir que um menino entre no banheiro de menina, acho que é uma violação do direito de uma menina.

**E6:** Ideologia de gênero é você nascer mulher e não se reconhecer como mulher, né isso? Eu não me informei muito sobre esse assunto. Mas, eu acho que é isso.

**E7:** Sobre ideologia de gênero, eu vejo muita gente, hoje discutindo e relatando e lutando por isso, eu respeito. Eu, na verdade eu não consigo... queria eu estar na cabeça de uma pessoa que defende isso. Porque eu sou evangélica, mas fora isso, eu acredito muito na bíblia. E, para mim, Deus criou homem, homem e mulher, mulher, então quando um homem se passa a se conhecer como uma mulher e uma mulher se passa a se

conhecer como um homem, eu respeito, mas, ao mesmo tempo, eu não concordo com essa atitude. Mas eu respeito, até então tenho até familiares homossexuais, não sou de tratar mal. Tem gente evangélica, que eu já vi em entrevistas, em filmagens, que tratam mal “ah, você vai para o inferno, porque Deus disse que não pode, que é abominável”... Bom, isso aí vai ser essa pessoa depois com Deus. Agora eu, como cristã, tenho que respeitar a escolha de cada um. Então eu respeito a opinião de cada um.

**E8:** Ideologia de gênero é a minha vontade em relação ao meu ser, não é isso? “Eu nasci mulher, mas não necessariamente eu preciso ser mulher”. E isso causou aquela polêmica, teve até a história do banheiro que poderia ser usado por um e por outro. Aí eu fico meio em cima da ponte, nem passo para um lado, nem passo para o outro. Porque, do mesmo jeito que eu aceito no sentido de “eu sou heterossexual, minha família é, mas o outro não é” e eu preciso respeitar o limite do outro e a decisão do outro. Ok! Mas eu estar em um banheiro e, de repente, chegar um homem e também estar usando aquele espaço? Eu acho assim, por uma questão até de higiene, porque os órgãos são diferentes, organismos diferentes, então eu acho que isso é complicado. Eu acho que é mais uma questão de bom senso da pessoa, acho que cada um tem que ter seu discernimento e fazer o que acha que é certo, respeitando os ambientes. Aí eu acho que dá certo para todo mundo. Ah, em relação a cor, a brincar de boneca, antigamente não podia, hoje em dia é tão natural. Acho que essa questão já está mais resolvida entre a gente professor, mas quem chega novo que olha, pensa assim “meu Deus, essa professora vai deixar esse menino brincar de mamadeira, é?”, acho que já fomos mais machistas nesse ponto.

Fonte: Elaborado pela autora.

## ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento Sr./Sr. <sup>a</sup> ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada **Formação pedagógica e conhecimento sobre sexualidade**, integrante do **Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação**, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal, relacionar e compreender como os/as docentes percebem ou justificam essa ausência, para seu/sua desempenho no ambiente escolar e a criação de estratégias para enfrentá-la. E será realizada por **Paula Patrícia Silva de Moraes**, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada, com utilização de recurso de gravação de áudio, a ser transcrita na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a licenciando escrever sobre o tema que estuda, a partir da produção do conhecimento científico.

#### Consentimento pós-informação

Eu, \_\_\_\_\_, estou ciente das condições da pesquisa, acima referida, da qual livremente participarei, sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

Recife, PE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

Impressão do dedo polegar  
caso o/a participante não saiba  
assinar.